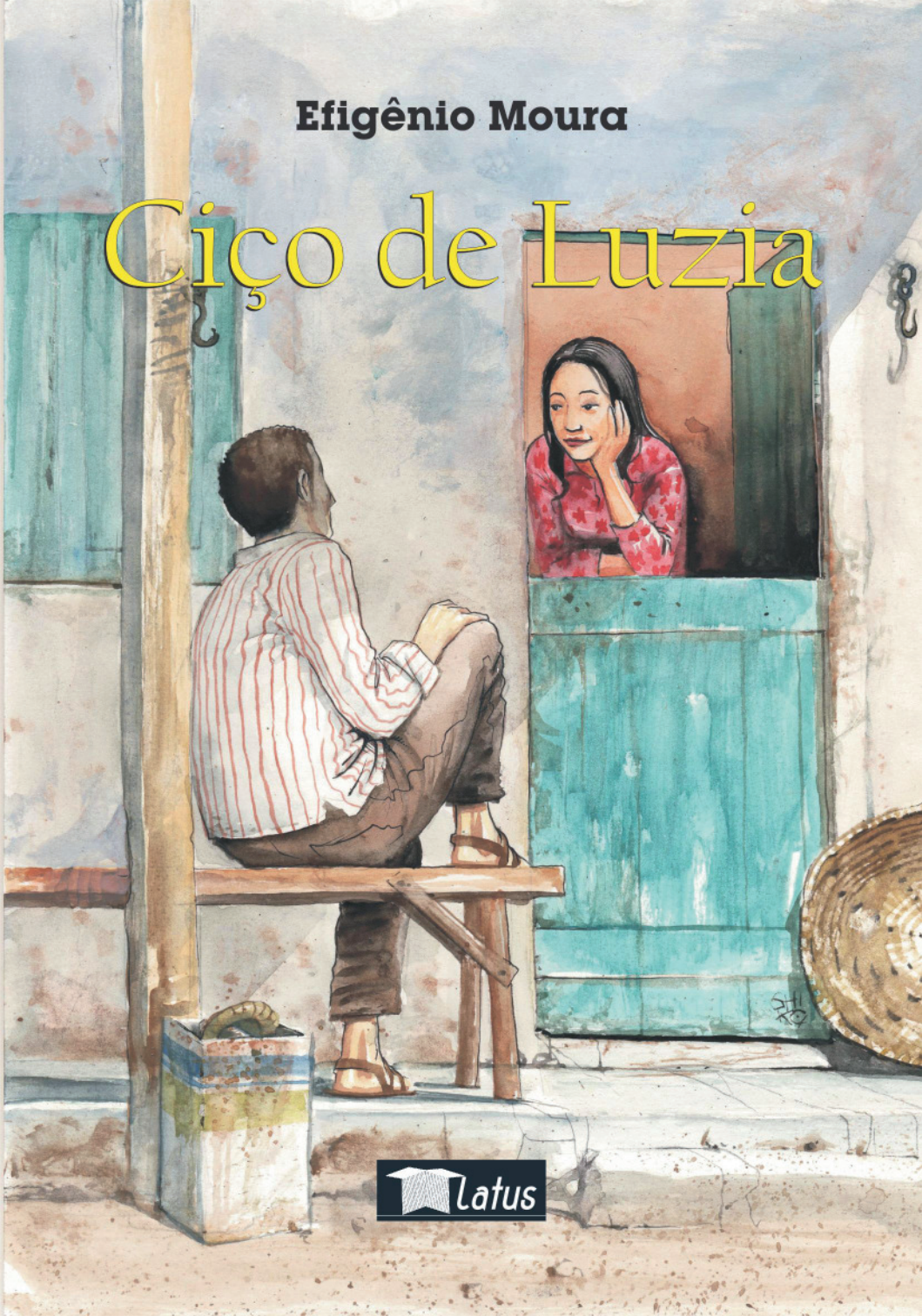


Efigênio Moura

Ciço de Luzia





Universidade Estadual da Paraíba

Prof.º Antônio Guedes Rangel Júnior | *Reitor*

Prof.º José Ethan de Lucena Barbosa | *Vice-Reitor*

*Latus é um selo da Editora da
Universidade Estadual da Paraíba*

Cidoval Moraes de Sousa

Coordenação de Edição

Arão de Azevedo Souza

Conselho Editorial

Ailton Elisiário de Sousa | UEPB
Antonio Guedes Rangel Junior | UEPB
Elizabeth Cristina de Andrade Lima | UFCG
João Moraes de Sousa | UFRPE
José Benjamim Pereira Filho | UEPB
Jomar Ricardo da Silva | UEPB
Luciana de Oliveira Chianca | UFRN
Luciano B. Justino | UEPB
Luiz Custódio da Silva | UEPB
Rômulo Azevedo | UEPB

Edição Eletrônica

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Design da Capa

Arão de Azevedo Souza

Ilustração da Capa

Shico

Comercialização e Divulgação

Júlio César Gonçalves Porto
Zoraide Barbosa de Oliveira Pereira

José Efigênio Eloi Moura

Ciço de Luzia



Campina Grande - PB

2013

Copyright © 2013 EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

2ª Reimpressão (2013).

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.
FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

813.3

M929c Moura, José Efigênio Eloi.

Ciço de Luzia / José Efigênio Eloi Moura. – Campina Grande:
Latus, 2013.

286 p.

ISBN - 978 - 85 - 63984 - 03 - 6

1. Literatura Paraibana. 2. Romance Nordestino. 3. Cultura Popular. I. Título.

21. ed. CDD



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

***'Nessa caatinga grisáia,
o qui guia eu é o pretume
dos zóio dela'***

(Ciço, fi de Santana e Rumão)

Nota

Leve-se em conta que, neste livro, o linguajar nortentino é utilizado como forma de reproduzir a rica e sólida expressão oral existente na região, a 'verdadeira língua do povo'. Para tanto, o autor afastou-se deliberadamente das leis ortográficas vigentes.

Ciço de Luzia

Em memória de:

José Maria Duarte Moura;

Márcia Andréa Eloi Moura Ribeiro.

O tempo não passa.

Ciço de Luzia

A minha Família.

Para Amália e Duarte Neto.

Agradecimentos

Quem escreve um livro tem uma dívida de gratidão com um grande número de pessoas , pela assistência na pesquisa, idéias, revisão, edição e publicação.

Quem patrocina a cultura, deve sempre ser agraciado com os mais gentis comentários. Eu falo em patrocinar sem o interesse comercial ou político se tornando parceiros da publicação. Agradeço ao Sindifisco-PB , VR Estúdio de Criação, Ephi Marketing e Aduepb.

Foram eles que possibilitaram o surgimento de Ciço de Luzia.

A eles meu muito obrigado.

Agradeço a você leitor.

Fosse música, fosse quadro... Mas não é.

A responsabilidade de escrever um prefácio, quase inibe a serelepisse de que fui acometido quando recebi o convite do autor para fazê-lo. Logo eu, cuja obra literária se resume a alguns poemas, a minguidos artigos em Jornais e a apresentações de discos e DVD's de amigos/colegas do forró, a merecer tamanha honraria. Mas sou do Crato e sujeito que desembucha praquelas bandas não mija fora do caco tampouco se apavora com tarefas a si atribuídas. Mesmo quando elas se encontram em patamar superior à sua sabença para executá-las a contento. Assim, cá estou pra falar das contações de histórias de Efigênio Moura, esse filho de pernambucana com alagoano, nascido na Monteiro de Ilmar e Flávio, morador na Campina Grande de Jessier e granjeado entre a Pilar de Zé Lins do Rego e a Itabaiana de Zé da Luz. Terá bons antecedentes esse cabra? Será boa sua folha-corrída?

Com o privilégio de acesso ao livro antes de qualquer outro leitor, fi-lo com apetite voraz, engraçando-me, logo de início, para encantar-me a seguir. Fosse música, seria uma mistura de Clã Brasil (com suas meninas

bonitas) e a sanfona gostosa de Dominginhos; fosse quadro, seria as cores de um Van Gogh, caboclo retratando flores matutas numa paisagem caririzeira. Mas não é nem uma coisa nem outra. Ou é, convertidas em literatura prazerosa, parideira de profundas emoções. Debulha-se a cada página virada um sertão e um ser tão sertão: Ciço, nome herdado de seu padroeiro, de quem também sou devoto, meu padim e conterrâneo Romão Batista. Apaixonado por Luzia, filha do dono da Fazenda Macaxeira em que trabalha, Ciço vem provar que o amor vale a pena, sempre. Comecei a ler e quando dei fé, tinha terminado, como acontece com as coisas boas. Num 'tiquim' de tempo cheguei às três letrinhas da última página. Fosse a tarefa o descarrego de um caminhão entulhado de cimento, é bem capaz que ainda estivesse lá, saco a saco botando abaixo. Ufa!

Nesse passeio pela vizinha e querida Paraíba, pude conhecer muita gente boa, além dos personagens principais: o galego Galdino, fugido de Sertânia por conta de uma peixeirada bem empregada que deu num cabra safado que mexeu com sua mãe; Ana Clara, nome urbano de uma cabocla sertã, mãe de Tôco, Pitôco e Catôco; Dona Jesuína, vó de Luzia e sábia conselheira; tomei conhecimento de Chico Romão e de Santana, pais de Ciço; de Tiana, tia dele. Também fui apresentado à camarada Sabida, sua amiga fiel, cachorra de estimação. Muito prazer. 'Sarthisfarção' das grandes tê-los conhecido.

Não bastasse a deliciiosidade do texto em si, o livro traz a riqueza de um glossário riquíssimo de expressões nossas e, principalmente, uma forma diferente e inovadora de se fazer romance: na verdade são contos ‘empaeirados’, como bem define o autor, sem obediência rígida a qualquer sequência absoluta, mas a uma sucessão lógica de fatos independentes, mas conectados entre si, possibilitando sua leitura, a qualquer tempo e a partir de qualquer página, sem prejuízo do entendimento da ideia central. Grande sacada desse tal de Efigênio.

Aí está ***Ciço de Luzia***, o livro, como uma *claridádiva* que alumia o céu prenhe de chuva anunciando que a água vai chegar já, já para regar o terreiro e a roça das coisas boas que são cultivadas nos corações dos homens de bem. Você, que perdeu um tempo danado lendo esse Prefácio aguado, avie, se abufefe logo com o Livro que, assim como o amor, garanto valer a pena. De mermo mermo. Verta e reverta sertanejices, pastoreie alegrias e escancare a cancela da alma para que as ternurices desembestem à sua procura. Como fez Luzia. Como fez Ciço. De Luzia, para sempre.

XICO BIZERRA, numa tarde-noite de um março quase abril, vendo a lua refletir-se no mar azul de Candeias, segredando ao mundo que já é 2010.

www.forroboxote.com.br
xicobizerra@forroboxote.com.br

“A verdadeira língua do povo”: uma pesquisa acadêmica

A finalidade essencial de uma língua é a comunicação entre os membros de uma comunidade que se serve dela. Para isso é necessário que o instrumento (a língua) tenha certa uniformidade e, assim, sirva eficientemente a toda a comunidade.

A linguagem coloquial, informal ou popular não segue padrões rígidos, é a linguagem falada no cotidiano.

Recebo um “agrado”, em minhas mãos, e me apego à linguagem popular, como assim o é todo este livro, batizado de “**Ciço de Luzia**”, pelo autor paraibano Efigênio Moura, para fazer a sua apresentação; na realidade, uma contribuição acadêmica de pesquisa, pois a carga de poesia e sentimento está toda ela, no prefácio de Xico Bizerra.

Entendemos que um padrão linguístico de correção é somente um ideal, não uma realidade concreta e nem pode ser fixo e muito menos fossilizado.

O nível popular está associado à simplicidade da utilização linguística em termos lexicais, fonéticos,

sintáticos e semânticos. Esta decorrerá da espontaneidade própria do discurso oral e da natural economia linguística.

A língua portuguesa possui uma relevante variedade de dialetos, muitos deles com uma acentuada diferença lexical em relação ao português padrão. Tais diferenças, entretanto, não prejudicam muito a inteligibilidade entre os locutores de diferentes linguajares.

Se assim não o fosse, como achar alento na frase: ***‘Nessa caatinga grisáia, o qui guia eu é o pretume dos zóio dela’***, que pousa às primeiras páginas deste exemplar, indicando-nos o discurso que se segue.

“O sertanejo é antes de tudo um forte”, ensinou-nos Euclides da Cunha, nascido no Rio de Janeiro, porém educado na Bahia.

Ao depararmos-nos com uma análise do livro, vemos que *“Os Sertões* dá início ao que se chama de Pré-Modernismo na literatura brasileira, revelando, às vezes com crueldade e certo pessimismo, o contraste cultural nos dois ‘Brasis’: o do sertão e o do litoral.

Sua linguagem não pode ser considerada estritamente como literária já que tem origem em matérias publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* nos anos de 1897 e 1898; embasadas nas anotações que compõem a *“Caderneta de Campo”* (1975) em que Euclides da Cunha registrava suas impressões sobre o sertão baiano, o ser-

tanejo e o conflito entre jagunços e o exército brasileiro. Para alguns um livro inclassificável.

Então como classificar “**Ciço de Luzia**” se deve respeitar a linguagem, a ideia, o gênero, o estilo, o indivíduo, etc.

“ ‘O estilo é o homem’; todavia podemos dizer: o estilo é pelo menos dois homens, ou mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte -, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem.”

Não tenho autoridade para discorrer sobre “**Ciço de Luzia**”; e, se assim o faço, é apenas de forma diletante. Porém, se me embriago - são espasmos de vida.

Não me surpreende a ousadia do escritor Efigênio Moura, semelhante, por contribuição, a Euclides da Cunha (os Sertões), José Lins (Menino de engenho), José Américo (A Bagaceira); pois sou sabedor do seu talento e determinação inatos; e que o mérito literário da obra seja jugo do leitor.

“Os olhos pretos de Luzia começaram a aguar-se e sozinha observando a algazarra das aves, resolveu compartilhar um segredo”

Decifremos, pois, o que há de arcano nesse romance do regionalismo nordestino.

Encontro asilo nas palavras do autor, dispostas nas páginas desta obra: uma representação da cultura popular - “a verdadeira língua do povo”. Faço gosto.

Misael Nóbrega de Sousa
Professor, jornalista e escritor.

Sumário

Ciço

da vez que ele chorou, 27

Avia Mulé

da vez que ele apressou o desejo, 33

Coivara

da vez que ele assustou ela, 39

Um Tangerino

da vez que ele aceitou o destino, 45

'In Riba da Cancela'

da vez que ela achou que sonhou, 51

O Cenário e o Ciúme

da vez que Galdino chegou, 57

Noite de Lua Cheia

da vez que ele se sentiu poderoso, 63

O Ofertório

da vez que ela 'intencou'ele, 69

Conchinhas do Mar

da vez que o mar encantou ela, 75

Sabida

da vez que ele ganhou uma amiga, 81

O Cheiro de Luzia

da vez que ela esbarrou nele, 87

Arupemba

da vez que ela teve saudade dele, 93

Algodão Doce

da vez que ele queria o querer dela, 99

A Visita de Marco di Aurélio

da vez que a poesia tocou as mãos deles, 103

O Rapa Coco

da vez que ela teve ciúmes, 117

Jesuína

da vez que Vó Ina falou do tempo, 125

Tôco, Pitôco e Catôco

da vez que Galdino chorou de alegria, 133

A Casa de Ciço

da vez que ele rezou, 141

Chico Rumão e Santana

da vez que a saudade molhou o coração dele, 149

Tiana

da vez que ele trouxe a tia, 157

'Veigança' de Jucá

da vez que Tião contou uma estória, 165

Um Catingueiro

da vez que ele teve medo, 173

'Mei' Tijolo de Goiaba

da vez que foram ao mercado, 179

Budega de Gamenon

da vez que ele tava pensativo, 187

'In Riba da Péda'

da vez que ela tava pensativa, 193

Zé Vando e Dona Judith

da vez que Luzia ia nascer, 199

Os Filhotes de Sabida

da vez que a casa de Ciço encheu, 207

O Encontro

da vez que a cantiga ninava o querer, 213

Dias de Lua

da vez que ela tava naqueles dias, 219

O Bezerra Fujão

da vez que o menino sabia demais, 227

Rolinha Maquiada

da vez que a moça desconfiou, 235

Dia da Padroeira

da vez de Nossa Senhora das Dores, 243

A Cacimba

da vez que Galdino falou das flores, 251

Luzia

da vez que ela queria mais, 257

Feixe de Agave

da vez que teve uma conversa, 263

A Festa no Grupinho

da vez que estavam todos juntos, 271

Sobre o Autor, 285

Ciço

(da vez que ele chorou)

Andava meio torto, meio capenga, como se cansado.

Teria que haver um mínimo de lógica em tudo que o fazia se movimentar. Mas a lógica agora devolvia um silêncio que havia antes de tudo ouvir, de tudo sentir, de tudo que se fosse possível naquele tudo. E ele não entendia de lógica.

O sol ardia o aveloz. Amarelava-o.

Desceu de si mesmo e aproveitou a sombra. Ciço se lembrava de quando, antes de sair para a lida, rezou para seu padroeiro mais forte (aquele que lhe emprestou o nome) e pediu chuva, não a chuva que todo caririzeiro de Camalaú pede, mas uma chuva que se fizesse, antes do orvalho da manhã e na ausência d'água da própria chuva, escorrer pelos olhos de Luzia, uma chuva aguada, uma chuva escorrida, uma aguinha nem que fosse sozinha.

Queria que Luzia desse por falta dele. Queria Ciço, que Luzia ao varrer o terreiro de manhãzinha, olhasse pro lado de cima da *rodagem*, lá por aquela curva que se enfeita de poeira e não o visse chegando.

'inté parece quêle num vem hoje'

Não visse ele lhe ofertando o mais florido dos olhares nem o mais branco dos sorrisos. Queria que Luzia, ao encostar-se no fogão de lenha - uma mão com o abanador e a outra segurando a saia não sentisse ele ajuntando as brasas que escapuliam ao cair por sobre elas, novos pedaços de gravetos.

'pra mode os garranchos pegá fogo ligêro, Cição!'

Ele lembrava a explicação dada sempre e ria devagar.

Olhou pra cima e rogado, pediu ao *Padin Cição* - Cição igualzinho a ele - que mostrasse a falta que ele fazia pros chamegos de Luzia- já que o santo deixou o povo chamá-lo de **CIÇÃO DE LUZIA**, que ele fosse de *'mermo mermo, na vera'*, todinho de Luzia.

'ninguém chama eu de Cição de Chico Rumão não, agora é só Cição de Luzia'

E ele respondia ao chamado quando havia, achava bom e toda vez queria uma vontade de Luzia.

Ainda de pé, olhava cada pedaço de Cariri que se apresentava: uma estrada pequenininha que ligava Macaxeira a Zabelê, uma cerca mal construída, uma pressa que não existia e uma visão do rosto dela que não saía de todo canto que ele espiasse.

Resolveu descansar um pouco e provar do tempo que estava sobrando.

Acocorado, buliu no bisaco, tirou um cigarro de palha, um trinchete, um rádio de pilha, um apito pra chamar anum, abriu espaço e jogou dentro dele, uma saudade danada.

'quano eu vortá das obrigação havéra de tê um restin de dia, antes do derradêro brio do só, pra mode eu vê a bichinha na çaçada arta da casa dela'

Levantou e deixou cair, junto ao pé de aveloz, a chuva que caía dos olhos seus...



Glossário

- Anum:** Ave nordestina voraz destruidora de insetos, sobretudo
- Aguado:** Sem graça, insípido
- Rodagem:** estrada de terra.
- Pra mode:** por causa de
- De mermo mermo:** de verdade
- Buliu:** Mexeu
- Bisaco:** Mochila
- Trinchete:** Faca de sapateiro, terminada em faceta e muito aguçada.

Ávia Mulé!

(da vez que ele apressou o desejo)

Uma cruz quebrada entre o começo e a metade do caminho... Um quarto do caminho com a cruz quebrada separando o restinho de estrada, uma cruz azulzinha, de cimento cercada por outra quase igual de madeira, madeira de algaroba.

Ciço se surpreendia toda vez que passava por ela e em forma de respeito parava, juntava as mãos, baixava a cabeça, antes de rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria, espiava pra cima e pra baixo pra ver se não vinha ninguém (pra ninguém achar que ele era doido), aí então, de olhar fechado, enviava as orações (duas, uma pro defunto e outra pro *Padin Ciço*).

Quem *findou* ali em baixo?

Ciço não sabia. *Carecia* saber não.

- *Tanto faz macho ou fême...*

Era sempre aquela ladainha, pouquinha, quase nada, fazia por gratidão, mas naquele dia era diferente. Era dia de saudade, dia de quem tem nó agudo no peito, nó cego, nó que não desata. Ciço sentia na cruz uma confiança extrema e uma vontade absurda de Luzia perto dele, e dentro dessa vontade, se *abufelou* com a ausência

dela, com medo de afrouxar a resenha, ele decidiu só pensar na cruz

Se isso ia dar certo? *Aí vareia né?*

Em silêncio, se aproximou, rezou e viu um juazeiro logo na frente, avistou os dois: Luzia e Ciço num abraço nervoso e arrojado, um abraço apressado e cuidadoso, um *fungado* no cangote de cada um.

Sentiu um *argueiro* e meio *ariado*, limpou as vista, foi então que Ciço viu que o clarão daquela pouca tarde incomodava Luzia, que tava na sombra, mas não tinha medo do sol, viu que ela se afastou e adiou o beijo tantas vezes que ele nem insistiu mais. O preço daquele momento se eternizava no silêncio que um abraço exige na entrega que acontece sem ninguém pedir, Luzia tava nos seus braços ou ele tava nos braços de Luzia? Era um *azougue* e na contramão, uma lata. A dúvida era tão boa, um tomando conta do outro até que ele viu que o que sentia por Luzia, era forte e diferente.

Ele via isso de olhar parado, *espiando* a sombra do juazeiro, e viu que ela não saía dos seus braços, e que ela não conseguia dizer nunca mais...

Já tinha ouvido isso nas novelas de rádio. Ouvido nas cantigas de Ilmar Cavalcante, nas letras certas de Xico Bezerra. Sentia o coração se encher mais, sentia muitas coisas que nem sabia se sentia pra se poder dizer. Naquele segredo dele e da cruz quebrada,

Ciço se entregava a uma espera, a uma estrada apertada e longa.

Uma estrada estreita que dava pra andar de mãos dadas...

- *Avie Luzia!*



Glossário

Avie: Faça rápido algo

Aí vareia né: Aí depende não é?

Cangote: Pescoço

Ariado: Atrapalhado

Azogue: Ímã

Abufelou: se agarrou

Arrochado: Apertado

Coivara

(da vez que ele assustou ela)

Sentou-se a mesa.

Ainda sonolenta, olhava para um vazio que só ela enxergava.

Ouvia o mugido das vacas, ouvia o vaqueiro reclamar com algumas delas, ouvia um barulho, um caminhão... Ouvia a voz de Ciço mesmo sem ele falar.

'Oxe! Nem tomá café in paz a gente pode!'

Ajeitou-se, pegou o bule ainda quente, levantou a tampa da cuscuzeira, pegou um tanto, colocou leite por cima, ovos de capoeira e por cima deles, um pouco de manteiga da terra. Mas o pensamento não acompanhava os seus movimentos naquela manhã de março quente e poeirenta, Luzia se fazia lenta.

-Avie Luzia, tu tá pensano na morte da bizerra é ?

- Mainha, eu tô morreno de sono!

- Apô! se avexe, quinda vô in São Sebastião.

- Vixe mainha! A essazóra?

A mãe não respondeu e Luzia não se apressou, o pensamento dela parece que agora acordara, olhou na janela e viu uma burguesa arremedando o assobio de Ciço.

'Ixiiiiii, Pensei qui era ele!'

Arrodeando o desejo de ver Ciço de perto, Luzia começou uma *arenga* danada contra a razão, ela relutava em dar seu amor pra ele, mesmo assim gostava das juras que ele fazia.

Da última noite (a de ontem) ela guardava o silêncio dele, de longe, vendo os olhos negros monitorando seus passos e sua silhueta... Era a fogueira que separa os dois...

Ironia. O fogo afastava o fogo.

Sentada de banda numa cadeira de balanço ela jurou ter ouvido a jura de Ciço...

- Luzia tu arrepara bem, antes d'eu batê a caçuleta e mermo assim eu pudé carregá uma coivara, tu tem de si alembá do tanto qui gosto de tu.

Mermo eu morano na caixa bozó, lá nas brenha, eu me achego pra perto de tu. Avexadin, avexadin.

É só tu chamá, pro mode de quê um catôco do meu gostá dá pra nós vivê sete vida juntin, feito o gato, a gata e os gatin...

Ela ria.

A fogueira crepitando.

Ele, do outro lado... Juntando as brasas...

Os olhos se buscando.

Os sonhos se encontrando.

O café esfriando

A voz acordando...

- *Ô de casa! Dá licença Dona Judith?*

- *Oxe, entre Ciço, se apeie!*



Glossário

Coivara: Feixe de varas

Pensar na morte da bezerra: Ficar olhando pro nada

A essazora?: Por essas horas?

Arenga: Briga

Bater a Caçuleta: morrer

Caixa Bozó: Lugar distante.

Brenha: Local longe de difícil acesso

Catôco: Peçaço de coisa.

Se Apeie: Desça, entre.

Um Tangerino

(da vez que ele aceitou o destino)

Nessa vida *ciçeriana*, ele era mais um incrustado numa caatinga medonha repleta de cinzas e verdes fugidios. Pátria que amava e conhecia. Nas mãos dele uma alavanca preta e cruel, nas mãos de Deus sua sina de homem se realizando, de homem com coração certo, de homem com destino *Luziano*.

Tocos de juremas pretas aos montes.

“Pruela, caço o arriscoso.

Pruela, nem calo nem friera.

*Pruela, desafio essa terra qui num fulora mais
essa disolação, essa areia fininha e quente”*

Ciço, a cada palavra dita soltava de uma altura quase igual a sua a alavanca, que no atrito com a terra dura espalhava areia e seguia até encontrar-se com raízes rebeldes e resistentes.

Ciço suava.

Ciço falava dela.

“ inriba daquela serra, prantei uma taperinha

Pra quem nada pissui,

Deus mandô Padin Ciço dá sabença

Deus mandô meu Padin me dá Luzia

Ah Luzia! Cuma a santa, afasta eu da ceguêra

Dessa vida firina

Quem num tem lui nos zói

Vive a trumenta dos golado preso nas gaiola da cidade grande”

Não havia como Luzia escutar.

Ele não se importava, olhava suado e cansado (mas nunca entregue) para mais um toco de jurema preta extraído, arrancado da terra.

O sol ardia.

A sede secava a garganta.

A água fresquinha numa quartinha, cuidadosamente enrolada e solta embaixo da única sombra naquele mundo de terra e plantas sem folhas e tão cheias de vida.

Despejou um tanto, bebeu esse tanto.

Olhou para cima, o céu azul sem nadinha de aviso de chuva, a roupa quente e pesada.

Ciço não reclamava da *deserança* que a vida lhe entregou quando seu pai morrera, ele não sabia reclamar dessas coisas.

Juntando os tocos, juntou também seus pertences... A quartinha, o chapéu de couro, a alavanca, a chimbanca... Seus desejos.

Lá vai voltando pra casa, Ciço
'inda hoje, boca da noite
Me dano no mei da rodage
Aproveito a mansidão do céu
Conto uma duza de istrela
dô tudin pra ela
e inda agaranto
cá pirmissão de meu Padim
qui num tem uma qui brie cuma os zóio dela”
Eita, lá vai Ciço, o tangerino de sonhos.



Glossário

Tangerino: Tangedor, aquele que tange

Cuma: Como

Duza: dúzia

Caço o Arriscoso: provocar as coisas arriscadas

Pruela: Por Ela

Sabença: Sabedoria

Firina: Ofensiva

Trumenta dos golado preso: Tormenta dos golados (pássaro) preso

Deserança: O avesso a herança

Chimbanca: Equipamento para cavar buracos.

'In Riba da Cancela'

(da vez que ela achou que sonhou)

Hoje era o dia.

Pelo menos seria até encontrar o olhar autoritário do pai dela. Então nessa hora do dia ela mudava a feição, baixava a cabeça e sem dizer nada adiava o dia, mas quando ele se afastava, o dia voltava a ser o dia que ela queria.

Dona Judith, a mãe, só de olhar se tornava cúmplice. Luzia sabia que toda mãe sabe de tudo antes mesmo de acontecer e ria, doidinha pra lhe contar sobre esse dia. Havia uma dúvida...

‘ Oxente, mainha conta tudo a pai’.

É um medo da *gota* do pai dela.

Quando acordou, Luzia havia sonhado com Ciço, os dois jogados em cima da cancela, um em cada lado, se *espiando*, se entrando um no outro pelo olhar apaixonado e calado.

Uma conversa de coisa que nem interessava tanto...

- *Ciço, mainha diche qui num gosta de xeleléu não.*

- *Pense num obijeto rin!*

Pausavam. Olhavam a um pro outro, baixavam as cabeças, viam os dois a mesma terra, a mesma poeira,

o mesmo redemoinho pequenininho arrodando os pés de cada um, a cancela rangendo e se *bulindo*...

- *Sabe duquê dá medo? De visage, dia desse eu acôdei de madrugadilha, suada, cuma visage verteno e reverteno a água da bacia de lavá rôpa...*

Tu num tem medo de andá no escuro não Ciço?

- *Eu? Nan! Oxe, tem medo de nada não.*

Era tanta coisa a ser dita que dentro do sonho dela, a timidez dele se fez maior que o mês de janeiro seco, mesmo assim ela insistia e deixou a mão dela próxima a dele... Enrubesceu ao perceber que a mão dele tava mais perto, se estremeceu...

- *Luzia?*

- *O quié?*

- *Tu vai lá na casa de Laíde, hoje?*

- *Sei não, tu vai?*

- *Nenêm de Maigarida trôve lá de Paulo Cabeção o disco novo de Josildo Sá.*

- *Eita, pai num deixa eu dançá não! Ele diche qui moça sortêra qui dança samba de latada sem o pai ou a mãe pertin, num casa már não.*

- *Oxe, se tu dançá cum eu, eu...*

Um grito:

- *Luziaaaaaaaaaaaaa?*

Ela saltou da cancela e tentou sair em disparada, parou, olhou pra trás, Ciço tava lá, olhando-a sair. Ela voltou, mexeu na cabeça, tirou de lá um friso e colocou na mão dele...

- *Vou dizê a mainha qui perdi o friso e qui tu achô e me deu lá na casa de Alaíde...*

Saiu correndo.

O dia todo querendo voltar pro sonho e passando a mão na cabeça, sentiu falta do friso que entregou a Ciço.

- *Mainha tu viu meu friso?*



Glossário

Dixe: Disse

Xeleléu: bajulador

Vertendo e revertendo: colocando e derramando algo

Visage: Visagem

Trôve: Trouxe

Friso: grampo que prende o cabelo

Cancela: Porteira

O Cenário e o Ciúme

(da vez que Galdino chegou)

Antes da casa de Luzia, tinha uma curva e no meio dessa curva, no lado direito de quem vai pra Zabelê, a casa de Margarida e um pouco antes da casa de Margarida, uma entradinha, também à direita, levava até a barragem e entre a estrada e a barragem, a casa de Ciço.

Dava nem légua inteira entre as casas de Ciço e de Luzia.

A estrada era larga. Em dias de janeiro, como hoje, uma poeira da *gota serena*, pedrinhas lembravam um prato de *xerém* não cozido, tudo a disposição de quem passasse, de quem pisasse, de quem caísse.

A casa de Luzia era ao lado esquerdo de quem ia pra Zabelê, na frente um terreiro grande e bem varrido, dois pés de algarobas se *amostravam* pra qualquer vento que passasse. Na lateral (esquerda de quem entra), um pé de eucalipto vistoso e charmoso espalhava odores a cada farejar bem aguçado, uma casa branca de portas e janelas verdes, sempre abertas, sempre arejando os quartos e a sala única.

Tinha antes de cruzar a rodagem, uma cerca e uma porteira, delimitado espaço permitido para se ficar à vontade, depois da rodagem, um umbuzeiro enorme e frondoso e por trás dele o curral e uma entrada pro

mato afora. Ao lado do curral, a casa do vaqueiro, depois, sempre ao lado direito, um depósito grande, o grupo escolar inativo e a máquina de sisal. O agave era muito promissor.

E tinha Galdino, o vaqueiro que chegara a poucos dias lá de Sertânia...

“um galego véi d’aga doce, pabuloso e mitido a besta, lá da caxaprego!”

Era a visão de Ciço.

“Oxe mainha, um homi qui só fala chiando”

A visão de Luzia para um homem pernambucano.

“Tome tento”

A visão de D. Severina.

“Humpf!”

O comentário ameaçador com olhar mais terrorista ainda do pai de Luzia, Zé Vando.

O fato é que Ciço sentiu o ciúme dando *psiu* pra ele e passou a dar *cabimento* pro galego pra ver a intenção dele, ficou só de olho no vaqueiro e de tudo fazendo para que Luzia não passasse perto dele.

“O caba fica in estado de incabulamento. Só fartava essa, inxiste a mulé qui o caba gosta e qui ela diz pelo zói qui qué o caba, aí chega um condenado desse lá das banda dos inferno pra atrapaiá o romance...Caba dessa laia é na ponta da pexêra.”

Era ciúme. Puro e legítimo.

-Ô Ciço, Mainha ta chamano!

Luzia chamando ele.

Ciço segurou os arreios que trazia na mão e nem olhou para a voz... Encarou Galdino, que alheio a provocação continuava inocente em sua lida.

“Caba inxirido eu me incango no buxo dele, adispois cá bainha da minha pexêra, furo a guela do sujeitin qui é pra mode ela ficá folote e nem água ajuntá...Se astreva, malamanhado dos seicento diabo !!!”

- Ô Ciço, tá môco! Ciço?

- Já vôôôôôôôôôôô, carece istruir chamamento não, oxe.



Glossário

Xerém: Comida de milho

Malamanhado: desarrumado

Bainha: capa para guardar peixeira (faca)

Folote: folgado

Goela: garganta

Galego D'aga Doce: Ser de cor branca e cabelos amarelados

Pabuloso: Mentiroso, contador de vantagens

Caixaprego: Lugar distante

Tome tento: Preste atenção

Cabimento: valia

Incango: Monto

Istruir: gastar

Noite de Lua Cheia

(da vez que ele se sentiu poderoso)

A lua fascinava Luzia.

A lua cheia.

Olhar a lua subindo cedinho naquela hora em que ela ainda carrega um monte de candeeiros todos acesos dentro dela, se fazendo de uma luz grande alaranjada, era momento de fascínio total.

Luzia espiava enfeitiçada e jurava ver movimentos dentro da lua cheia à medida que ela enchia mais. A noite fria do Cariri, o mato clareado, as coisas todas se azulando, a lua subindo, a luz se fosforescendo e nos dois olhos de Luzia, a imagem refletida de duas luas e uma lembrança dengosa.

Lembrou daquela noite de lua cheia quando ela vinha ali, do grupinho, com um medo danado de lobisomem e papafigo e já era quase meia noite...

- Ciço, num laigue de minha mão não, viu!

- Laigo não, laigo não.

Os passos apressados dela forçavam o caminhar lento dele. Ciço era o réu naquele momento, dificultava o máximo cada caminhar somente para ter o motivo da demora, o prazer de tê-la junto a ele...

- *Oie, se pendure n'eu qui tem muito xêxo na rodage.*

Eita como ele achava bom! Ela agarrada os dois braços no braço dele.

- *Tu ta ficando penso Ciço...*

- *Tem nada não, adispois indireita...*

A distância era curta e já passava das 9 da noite, a porta estava fechada.

Na janela, de mansinho, Luzia chamava:

- *Mainha, mainha, abraqui...*

Nada.

Insistiu:

- *Mainha, ô mainha, abre a porta...*

Nada.

- *Chama seu Zé, Luzia. Ô vô chamar!*

- *Oxe. E tu qué acordá pai e virá difunto é?*

Foi então que Luzia lembrou que seus pais tinham ido pra um casamento lá pra's bandas do Angico e que ela ia dormir na casa de Margarida.

- *Eita Ciço, Margarida ta inda no forró, vamo esperá quano ela passá aí nós vamo tudin junto pra mode os povo num falá...*

Era tudo que Ciço queria da lua: O clarão pra aconchegar Luzia, pra ouvir o silêncio do mato e sentir o frio dela.

Luzia foi se entregando ao cansaço, se encostando, se aninhando dentro do braço de Ciço, que ao menor sinal de um vento frio jogava o outro braço em volta dela, aproveitava e apertava um pouco... Aí subia o cheiro dela, o denço dela, o sonho dele e paralelamente a lua testemunhando, a festa acabando, as vozes se aproximando...

- *Shiiiiiiiiiii!*



Glossário

Laigue: largar

Xexo: Pedra

Rodage: estrada de terra

Penso: Torto

Ô Vô: Eu vou

O Ofertório

(da vez que ela 'intitou'ele)

Naquela quarta feira de trevas, ninguém fazia nada dentro de casa, Dona Judith e Luzia se atentavam somente aos serviços culinários. A casa ninguém varria, ninguém mudava roupa de cama. Era costume e todo costume na casa de Zé Vando tinha que ser respeitado. Havia uma euforia interior com a chegada de Risaura, prima de Luzia e que vinha passar a semana santa na casa dos tios. Mais velha que Luzia, Risaura vinha de Serra Branca disposta a esquecer um amor...

- Ixiiiiiii qui Zaurinha tem qui esquecê aquele homi, mainha.

- E tu acha qui ela vai esquecê no meio do mato, Luzia? Ao meno tivesse rapaiz sortêro por essas banda!

Nesse momento, Luzia teve uma breve inquietação silenciosa e guardada.

Já era quinta quando Rizaura se abraçou com a prima embaixo do pé de algaroba que havia na frente da casa principal da fazenda...

- Luzia, minina, vixe qui tá uma moça foimada e bunita qui só a mulesta e essa mala, vai viajá é?

Risaura deu um tapa nas nádegas da prima. Luzia enrubesceu.

Na parte de trás da casa, Ciço, enchia os potes e as vasilhas espalhadas pelo terreiro com água doce trazida lá da barragem, era um tambor grande e comprido, em cima de uma carroça, puxado por Tutano, o burro do sítio.

- Zaurinha essé Ciço, moradô daqui...

- Incantada Seu Ciço...

Ciço tirou o chapéu de couro e baixou a cabeça em sinal de respeito, por baixo viu que Rizaura sustentou o olhar...

- Ciço, num vai tê forró puraqui não!

- Vai tê na Cacimba no sábo de aleluia

Luzia percebeu o interesse da prima.

-Ixi Luzia, quêsse homi é chalmôôôôôôôso, um pão!!!

A luz amarela acendeu dentro de Luzia, deixando-a pensativa.

Ao entardecer, antes do pôr do sol, ela se encostou numa algaroba e chamou Ciço...

- Tu gostô de Zaurinha, Ciço?

- Oxe, num é tua prima, deve de sê gente boa...

- Homi, tu devia levá ela pro forró da Cacimba.

Ciço endureceu o olhar. O coração petrificou. As pernas gelaram, a língua quis se enrolar, a voz saiu fraquinha e séria...

- Luzia, tome tento. Tu num devia judiá d'eu dessa foima não, façisso não... Num ai mulé nesse mundo qui leve pro forró qui num seja tu. Luzia, nas noites qui num luava eu espiava o breu e via tua mirage, num tinha malassombro qui me fizesse isquecê teus zoin. A sardade Luzia, fazia um labacé da fébi pelas tripas, pelos bofe, pru dento d'eu.

Cuano eu mi alevanto, na cabicêra da rede, os zói inda remelano, arreparo um pedaço da xita qui tu uso no forró de Dejinha, qui é pra mode eu de tê um dia filiz.

Cuma tu véve no meu pensá, minina Luzia num aí sintido nem ligria de ir prum canto qui num seja cum tu...

- Oxi Ciço...

- shiiiiii! Pera qui inda num cabei... tu acha qui meu querê ismulece é ?

Tu acha qui todo dia, correno atrás de boi no mêi dos garrancho, se arranhano todin, rancano tôco de jurema o dia todin, ajuntano água sem bardiá, pra no finá do dia, ganhá um tiquin do teu oiá, tu acha quié pru mode de quê ? No meu xamego, só quem trisca é tu! Pru que?

Ele perguntava. Ele mesmo respondia.

-Pru que ô li gosto qui só a gota, viu?

- *Ciço...*

- *Se meta não Luzia, no meu querê, mermo sendo tu meu querê, intão, num me avoe nos carin de ôta mulé fême, num se astreva a me fazê ismolé dos carin dos zôto, deixa ô me istatalá nos meu gostá, se tu num qué, num espaie as brasas, deixe o fogo queimá sozin...*

- *Ave Ciço...*

- *Intão... inté mais vê!*



Glossário

Sábo: Sábado

Chalmosô: Charmoso

Nas noites que não luava: Noites sem lua

Remelano: Remelando, secreção ocular

Esmolece: esmorecer

Triscar: Tocar

Avoe: Jogar

Astreva: atrever

Esmolé: Mendigo

Istatalá: Estatalar, Cair de mau jeito

Espaie: Espalhar

Ligria: Alegria

Bardiá: Agitar ou sacudir de um lado para outro.

Conchinhas do Mar

(da vez que o mar encantou ela)

A madrugada era escura na Fazenda Macaxeira.

- Se avexe Judith, mandéssa minina aviá, ô demora da gota!

Zé Vando apressava a esposa para não perderem o carro que os levariam até Cabedelo, até a casa da irmã dele, onde ele ia fazer uma bateria de exames, tempo que Dona Judith teria para matar a saudade da cunhada e Luzia para conhecer o mar.

- Oxe e nós tem qui ir as 3 da madrugada?

- Recrame não mulé, tu num sabe qui aquela veranêis de Agripino é iguázin uma fubica?

Perto de 6 horas da noite, depois de passarem quase a tarde toda resolvendo problemas pessoais de Zé Vando, em João Pessoa, estavam agora os três na praia de Formosa em frente a casa de Deolinda, a irmã de Zé Vando. Havia de Luzia uma vontade e uma paixão pelo mar. Mar que ela nunca tinha visto que não fosse pelas revistas...

De manhãzinha, ela já de pé, antes mesmo de se alimentar já indagava a tia.

- Bença tia, cadê a praia?

guará, onça pintada e *ticaca* preinha, mas algo mais encantou Luzia.

As conchas.

Conchinhas do mar que quando Luzia sentava n'areia, de bermuda comprida e blusa grudada no corpo, sozinha, se deleitava com a quantidade de variadas cores: brancas, marrons e escurinhas. Toda vez que tocava numa concha, ela percebia um brilho e percebia que o coração se apertava e a imagem de Ciço vinha à cabeça...

E lembrava das coisas que Ciço dizia e que ela gostava de ouvir, e dava saudade dos olhos de Ciço provocando o desejo dela, e ria sozinha e conversava com as conchas...

'- Cicin, tu num vai tumá banho não?

- Vô nada Luzia, tem muito sar'

Ao voltar pra casa, levou quantas conchas couberam na sua bolsa, as que não couberam trouxe no pensamento.

Já no sítio, quando tava guardando a feira no bufê, Luzia ouviu Ciço chegar...

- Vixe Luzia, tu vêi mais preta duqui uma noite iscura!

- Ciço, me alembrei de tu.

Correu ao quarto, veio com uma mão fechada e segurando com a outra mão as mãos de Ciço, soltou dentro delas uma concha...

Ciço abriu às mãos, as duas juntas em forma de cuia, no meio delas, a concha brilhava.

A concha brilhava por conta do reflexo dos olhos dele, dos olhos marejados, o coração acelerou, os joelhos tremeram...

Ciço pensou ali, ter recebido o amor de Luzia.



Glossário

Aviar: Apressar

Veraineiz: Veraneio (automóvel)

Fubica: Carro Velho

Ticaca: espécie de gambá

Prenha: Grávida

Sar: Sal

Vêi: Veio

Sabida

(da vez que ele ganhou uma amiga)

Nesse dia, Ciço veio almoçar em casa. Tinha que tirar um *feixe* de capim lá da vazante e como era perto de casa, resolveu fazer a refeição em sua cozinha. Era um dia bem pertinho do sábado, dia em que Dona Judith e Zé Vando iam pra feira de Monteiro.

- *Será qui Luzia vai?*

Não havia motivo exato pra pensar nela, qualquer coisa o movia.

Enquanto usava a foice pra tirar o capim ouviu um barulho, um chiado vindo de dentro do capinzal.

- *Quem pode mais qui Deus?*

Silêncio. O barulho voltou a ser forte e agora, mais próximo.

' *Eita gota! Valei-me meu padin Pade Ciço, é um guará!* '

Dizendo e pulando pra trás, os olhos esbugalhados, a mão quase quebrando o cabo da foice, um medo da molesta...

Ficou paralisado. O barulho chegando perto. Ciço suando, Ciço rezando, Ciço querendo correr e as pernas não deixando...

- *Apareça Satanás!*

Ciço apelou e ouviu em resposta um latido.

- *Oxi?*

Outro latido.

Surgiu uma cadela prenha de pelo amarelado, de língua de fora e rabo balançando, ela sentou-se e encarou Ciço e latiu duas vezes. Ciço desarmou-se, fez aliviado o sinal da cruz.

- *Oxe mulé, tu ta buxuda e no mêi do tempo uma zóra dessa.*

Voltou para casa e percebeu que a cadela o acompanhava. Ele parava, ela parava. Caminhava, ela ia atrás.

- *Vorte pra sua vidinha mulé, vá tê seus fiotin nôto canto, vá.*

A cadela desobedecia e o seguia.

Ciço então adotou-a. Passou a lhe dar comida, guarita e virou companhia inseparável, virou amiga confidente...

“uma cachorra cuma tu só pode tê um nome: Sabida.”

Sabida deitava em baixo da rede de Ciço, mas dormia na porta da casa, qualquer movimento em falso, ela alardeava. A cadela passou a ser notícia em toda Macaxeira:

“- Rapaizi, Ciço achô uma cachorra qui só farta cozinhá pr’ êle, pense numa bicha sabida!

- Ela pega inté lambu.

- Agora tá, lambu quaiqué cachorro péga!

- Avuano?

- Eita Gota!!!

- É só arremedá qui ela acoa na hora! Dá um bote e sarta e cai cum bicho na boca, se lascano todinha no chão, adispois sacode a puêra e sórta o lambu já difunto, nas precata de Ciço. ”

Sabida sabia de um monte de coisas de Ciço, sabia que ele tava alegre quando assoviava ‘*Farelim de Nada**’ na porteira perto da casa dele. Sabia que tava preocupado quando ele andava devagar, sabia que ele tava zangado quando soltava com a força a porteira, sabia que Ciço tava triste quando ele não fazia barulho nenhum. Sabida sabia o quanto Ciço era doidinho por Luzia.

- Eita Ciço e essa cachorra?

- É Sabida, Luzia, ta prenha...

- Ela é Sabida é? Pru quê?

- Mais tá! Ela é Sabida praquê nasceu sabida e ela cunhece os bicho do mato tudin e tudin arrespeita ela...

Luzia acariciou a cabeça de Sabida.

Sabida balançou o rabo.

Ciço ficou doidinho para ser a cachorra.

** Farelím de Nada, letra e música de Xico Bizerra.*



Glossário

Feixe: Grande quantidade de qualquer coisa

Buxuda: Grávida

Vá ter seus fiin nôto lugar: vá ter seus filhinhos noutra lugar.

Lambu: Ave desprovida de cauda, quase que totalmente.

Arremedar: imitar

Acoa: Ladrar

O Cheiro de Luzia

(da vez que ela esbarrou nele)

Luzia estava apressada. Havia uma urgência em terminar logo os afazeres da casa. É que Dona Judith tinha lhe prometido que caso terminasse cedo, podia ir pra casa de Luzinete, amiga que morava perto da casa de Margarida e que tinha chegado de Ouro Velho cheia de novidades.

- *Mainha, Luzinete tá namorando é?*

- *Oxe e eu sei Luzia?*

- *Mainha ela tem os mermo zano d'eu né?*

Dona Judith na hora abriu os olhos: “seria uma cobrança”?

- *Apague o facho minina, seu pai dixe qui você ta muito moça pra namorá.*

Luzia ouvia e obedecia à mãe, mas não deixava de pensar no dia que poderia namorar, poderia assim: Oficialmente e seria com ele, com Ciço.

Ciço moreno, Ciço com os olhos de mel. Ciço com os cabelos cinzando, Ciço alto, Ciço...

Voltou aos afazeres e terminando, tomou banho. Em frente à penteadeira se perfumou com Charisma (que tinha ganhado no último aniversário), vestiu seu vestido bem comportado, colocou frisos no cabelo negro e longo, riu pro espelho, ouviu a mãe gritar...

- Vá logo e vorte num pé só, ligêro viu Luzia, Zé chega na boquinha da noite...

Luzia soltou tudo que havia nas mãos e saiu em disparada, passou ligeira pela porta e ao descer, ainda em velocidade, esbarrou em Ciço que ia subindo devagar..

- Tá bêba gota serena !!! Disimbesto é esse Luzia? Oxente!!!

Gritou Ciço jogado ao chão, Luzia só o olhou , abriu a porteira e continuou em velocidade..

Ciço acompanhou a amada até sumir da sua vista, levantou-se, passou a manga da camisa no rosto como se enxergasse um suor inexistente... Ficou paralisado.

O cheiro do perfume de Luzia ficou na camisa.

Ele cheirou e planou. Ele planou e alcançou céus inimagináveis.

O cheiro de Luzia... O cheiro que ele queria ter todo dia antes de adormecer, todo dia assim que acordasse... O cheiro que levava ele aos mais altos lugares de prazer e satisfação, o cheiro de Luzia.

Ciço inspirava.

Ciço quase que sugava a camisa.

Ciço tinha receio de cheirar e acabar logo e de não cheirar e o vento carregar esse cheiro com jeito de lembrança...

Ciço cheirava e olhava pro nada.

Era um cheiro de confeito, um cheiro *cangueiro* que desviava das narinas e ia direto pro coração e engendrava toda razão que houvesse.

No meio do tempo. Meio que cambaleante e entorpecido. Era Ciço às 4 da tarde...

- *Oxe Ciço, ta abestaiado aí fazeno o qui diabo ? Tá pastorano os pé de agaróba é?*

- *É não Dona Judith, é um cheiro qui tá na camisa.*

- *Cheiro de quê homi?*

- *Seio não.*

Sabia. Ciço sabia.



Glossário

Namorano: Namorando

Ela tem os zano d'eu: Ela tem a minha idade

Apague o Facho: Sossegue, tenha calma

Desimbesto: Desembesto, disparada

Confeito: Bala, bombom

Cangueiro: Que não dirige bem

Ingembrava: Deixava torto

Pastorando: Vigiar

Agaróba: Algaroba, árvore.

Arupemba

(da vez que ela teve saudade dele)

Era segredo.

Da forma como ela guardava, devia ser segredo até pra ela.

Naquele dia que Ciço lhe dera todo seu olhar, dera mais que o seu próprio coração, dedicou-lhe uma saudade.

Dia de São José. Chovia na Macaxeira, a estrada enlameada em alguns pontos, em outros a mesma estrada virava um corredor d'água meio alaranjada que ia se desfazendo em riachos pequenos e viçosos. Os panos de chão feitos de estopas estavam todos ensopados, nas duas portas, frente e verso. Os barreiros todos cheios, a barragem tomando água, pingos de chuva sem esforço nenhum se soltavam pelas frestas das telhas e invadiam o quarto dela. O cair de cada gota em uma bacia solta no meio da sala não afetava o pensar dela. Nesse meio, era criado um silêncio atraindo Luzia...

- Oxe, ta tudo tão quétin!

Na cozinha, enquanto espiava patos, galinhas e pintos correndo por dentro das poças e buscando refúgio, passava umas espigas de milhos banguelas no ralador e deixava cair o sumo numa arupemba, posta em baixo do ralador e em baixo da arupemba, uma bacia grande de alumínio.

Ralava e olhava.

Um pouco de milho, no chão, chamou a atenção de um pinto alvoroçado e faminto que se escondia por ali perto e um pinto nunca vai sozinho onde tem comida.

- *Shii, xô. Xô, ôôôôôô, shiii*

Luzia espantava os animais.

- *Sai daqui, xô! Saia e vá brincá cum seus amiguin.*

Tangia Luzia os pintinhos que começavam a bicar o milho no chão, sob olhar reprovador e ameaçador da galinha, que de não muito longe observa a cena...

- *Vão tudin brincá cum seus amiguin, vão e se avistá Ciço, diga qui se alembre d'eu...*

Os olhos pretos de Luzia começaram a aguar-se e sozinha observando a algazarra das aves, resolveu compartilhar um segredo.

- *Diga pra Ciço qui deixe de arrudêi, qui eu dô um dedo mindin pra ele tá junto d'eu, qui eu ralo o mio todin nas carrêras só pra mode ele ta junto d'eu! E se tiver alguma quenga arrodeano ele, sapeco um tabefe nas fuças, qui namorado meu quenga num se apêia não...*

Ralava o milho, algumas lágrimas devagarzinho caíam e se destacavam da água de São José pelo fungado que acompanhava o rosto se transformando em saudade e sem olhar paras as aves, continuava seu monólogo...

- *Quano avistá Ciço, diga a ele qui quano eu espio os caroços dos zóio dele, da inté vontade de timbugá bem fundo, pra mode ele num se esquecê d'eu. Dá inté vontade de armá uma rede no oitão do coração dele, butá uma tramela pra mode nós ficá juntin e inda escoro cum tamborete a tramela bem apertadinha...*

Um chiado de alpercata quase derruba Luzia, tirando-a do transe.

- *A arupemba ta cheinha, vô botá na cozinha...*

Ciço, prestativo como sempre.

- *Vôte, Ciço! Medo da gota, nan.*



Glossário

Arupemba: Peneira feita de palha

Arrudei: Arrodeio, arrodear

Mindim: menor dedo da mão

Nas carreira: as pressas

No Rumo da venta: pra onde o nariz apontar

Quenga: Prostituta

Fuças: Rosto

Tabefe: Tapa

Timbungo: mergulho

Tramela: Peçaço de madeira que gira ao redor de um prego. É usada para fechar janelas, portas e portões

Alpercata: Sandália de couro

Oitão: parede lateral de uma casa

Vôte: Oxe!

Algodão Doce

(da vez que ele queria o querer dela)

O amor de Luzia é uma noite dentro da verdade de Ciço, uma noite em que a lua ilumina bem pouquinho, uma noite onde os candeeiros tão bem fraquinhos e as velas se arrepiam todas com a brisa suave que se cria, quando ela balança os cabelos longos e negros, finos e cheirosos. Um amor inseguro que desafiava toda noite, todo querer dormir e Ciço preferia morrer de amor a morrer de dúvida.

Eram os dois que ele tinha nesse momento: amor e dúvida. É que Luzia deixava muitas pistas sobre o gostar. Aquela conchinha que ela trouxe lá do mar de Cabedelo, aquele friso, aquela encostada naquela noite de lua...

'danou-se, e praquê ela nun diz logo?'

Era como fazer algodão doce.

O açúcar e o corante se misturando naquela hora em que o açúcar derretido já se joga em gotinhas entrando em contato com o ar frio e se pregando nas paredes em forma de fios, assim mesmo era o amor de Ciço se atirando em cordas, agarrando-se ao querer de Luzia, sendo o coração dela aquele pauzinho que desprega cada fio doce da cor que os olhos dela desejarem, da cor que o mimo dela quiseser...

Faltava o pauzinho desapregador fazer sua parte.

Vivia assim, *atarantado* pela incerteza de ter, pelo dia que não sabia se via, se sentia ou se queria...

‘avalie se ela ataiasse meu querê’

Sim! E se ela se antecipasse ao desejo de Ciço, e se ela chegasse e dissesse que era ele por quem suspirava, por quem nas noites, de olhos abertos, ficava dividindo as estrelas? E se ela, musa e mulher, lhe olhasse e nesse olhar, entregasse a ele todo amor que ela tivesse pra dar?

‘Áí eu ficava bambo. Ia adonde ela tivesse li dava um capuchin de argodão doce, da cô duma fulô rosa, aí eu imburacava no coraçãozin dela e de lá num saia mais não!’

Suspirou Ciço.

Com os pés em cima da espreguiçadeira, forçou o movimento da rede, ‘escutou’ os punhos esticados e o torno seco gemerem. Fechou os olhos, era hora de sonhar dormindo.

A rede balançava.



Glossário

Atarantado: Aperriado, desnortado, perdido.

Avalie: Imagine

Ataiasse: Atalhar. Ir por um caminho mais curto

Bambo: Cambaleante. Sem equilíbrio

Bicada: Dose normalmente de cachaça

Concho: Confiante em si, vaidoso

De Veiz: Fruto em estado ideal para ser colhido

Desembestava: Sem rumo

Emburacava: Entrar sem pedir licença

Espreguiçadeira: Tipo de cadeira de balanço, com tecidos.

A Visita de Marco di Aurélio

(da vez que a poesia tocou as mãos deles)

Luzia e Dona Judith estavam com bacias apoiadas nos quadris, espalhando água com as mãos no terreiro, Ciço e Galdino verificavam os dois lampiões a gás que seriam usados logo mais à noite.

Zé Vando chega e apressa todo mundo:

-Avie meu povo, qui já tamo na boquinha da noite, o pessoal já ta riscano...

Tava nada! O encontro entre amigos na casa de Zé Vando era às 7 horas da noite e ainda eram 4 da tarde. Zé convidara todo pessoal da redondeza para ouvir as poesias de cordel do poeta pernambucano Marco di Aurélio, que ele mesmo, o autor, iria declamar.

- Mainha, aquele homi do cabelão vem mermo?

- Vem fia, ele é amigo do teu pai, lá das banda de Timbaúba.

Ciço prestou atenção na conversa...

*-Homi do cabelo grande, pra eu num é homi não...
Esses zomi é tudo amulezado.*

- Deixa de bestage Ciço e Jesui num tinha o cabelo grande tombem?

- Jesui num era homi Dona Judith.

Quase seis horas e a Kombi branca parou em frente à casa de Zé de Vando, trazendo o poeta Marco di Aurélio, sua esposa Roseli e uma amiga de Campina Grande, Geralda, irmã de Gisele de François. Zé se aproxima e aperta a mão do amigo poeta.

- *É uma sarthisfarção li arrecebê na minha casa, Marco...*

- *Oxe Zé Vando, meu coração dá bunda canastra quando vejo o amigo.*

Luzia prestou atenção e cochichou:

- *Vixe quêsse homi é muito sabido, mainha!*

Feitas as apresentações e depois de todo mundo arrodar a calçada onde estavam o poeta e o dono da casa, Marco falou:

- *Agora, meu povo, vou recitar, de minha autoria, Circo do Interior:*

- *Ê ê ê ê ê*

As palmas ecoaram no Cariri

“O Circo de interior
é um circo diferente
numa mistura de bicho
meio frio e meio quente
debaixo do mesmo pano
o mesmo palco é o trono
do bicho que vira gente.

Nas terras de Araripina
chegou um circo decente
não tinha a lona de cima
de noite não era quente
o vento rodopiava
e a saia levantava
das mocinhas inocentes...”

- *Eita qui homi imorá cumade Judith!*

- *Shiiiiiiiiiiii, cala boca cumade Ilma!*

“O palhaço era Maniva
tinha o cabelo de fogo
manquejava de uma perna
dizem que só tinha um ovo
mesmo assim era tarado
não podia ver viado
sentado no mei do povo.

Tinha duas dançarinas
pareciam dois bujões
não havia uma cintura
pra amarrar os cinturões
mesmo assim eram rumbeiras
rebolando pelas beiras
em cima de dois caixões.”

- *Seu Zéééééééééééééééé! Oxe tire as mulé do ter-
rêro, quêsse caba cabeludo e amulezado vai falá de
inchimento...*

- Hum! Vai não homi, ele mora na capitá...

- E é na capitá qui tem dessas coisa seu Zé!!!

Alertava Zelito, atônito com o que poderia vir. Os olhos esbugalhados e o peito arfando eram completamente ignorados por Zé Vando.

Os olhos e ouvidos de Ciço e Luzia não viam, não ouviam nada que não fosse o respirar deles, os olhos deles...

“Tinha um tecladista cego
tocando desafinado
uma hora parecia
um Bitôve arrepiado
quando o baterista errava
o cego se arretava
gritava todo afobado.

Depois vinha o trapezista
com sua malha furada
sua magreza sofrida
numa idade avançada
que pra subir no trapézio
era o trabalho mais sério
daquela alma penada.”

Agora o povo ria.

Zelito cutucou Zé Vando:

- Seu Zé acho quêsse homi qui o poeta falô num bebe
não, come cum farinha...

- Caláboca condenado! Sinão eu li jogo dento daquele caçú! Oxe! Num atrapaie o artista não!

E Marco continuou:

“Lá depois de muita ajuda
o trapezista subiu
em um balanço de corda
que até o mastro ringiu
balançou-se meia hora
e o povo que tava fora
sem saber lhe aplaudiu.

O leão se acordou
co’ a zoada que se fez
abriu a boca e deitou
pois não era sua vez
quem caiu era tão magro
não provocava seu faro
não valia uma pedrês.

Tiraram o trapezista
o cego nem isso viu
tocava “besa mucho”
em espanhol do Brasil
quando entrou no tablado
um bicho todo amarrado
era a macaca Bibiu.”

O risadeiro era grande. A atenção também.

Nesse momento a mão de Luzia toca sem querer a mão de Cição, na hora em que ela ia pegar na quartinha...

- *Vigi! Tô cuma sede danada, Cição...*

Ele ficou segurando por uns instantes a mão dela... Era como se não houvesse ninguém perto ou longe, só o toque macio dos dedos de Luzia, as dobrinhas bem limpinhas, as unhas branquinhas...

“Naquela noite de festa
no poleiro se sentava
dois amigos dum aleijado
que ali acompanhava
esse circo competente
entre mortos e vivos
o leão apresentava.

Um leão amolecido
magro esfomeado
com honras e alaridos
foi ao povo apresentado
numa jaula enferrujada
numa coleira safada
que não segurava nada.

E agora o tarol rufou
dessa vez acompanhado
de um corneteiro novo
muito mais desafinado

que assustou o leão
saindo pelo portão
do gradil enferrujado.

O corneteiro correu
o tarol caiu furado
o cego se levantou
abraçado no teclado
e as duas dançarinas
em duas poças de urina
com o baterista de lado.”

- Vixe Nossa Senhora das Dô! Valei-me Padin Ciço!

Luzia se espantou com o grito de alguém, pretexto para Ciço lhe abraçar em proteção.

Todos que estavam assistindo, ficaram apreensivos, Dona Judith percebendo a manobra de Ciço puxa a filha e diz baixinho, quase sussurrando...

- Abra dos zói, cabrita!

Marco di Aurélio se levantou, passeou na calçada como se fora um palco, prendendo a atenção da plateia boquiaberta e incrédula, despejou mais poesia...

“O povo todo assombrado
disparou pra empanada
a poeira levantou
a visão foi embaçada
e o aleijado então

ficara na solidão
no meio da presepada.

Gritava um para o outro
os amigos do coitado
no meio da fulerage:
Pegue logo o aleijado!
E nesse querer viver:
Deixe o leão escolher!
Gritava o condenado.

O leão amedrontado
não agüentou de emoção
desvanecido caiu
mortinho do coração
e ainda hoje no céu
pergunta a Gabriel
qual foi sua maldição.”

O povo outra vez aplaudiu.

Agora Ciço nem se atrevia encostar e sequer espiar
pra Luzia. A postos e bem vigilante, Dona Judith franzia
a testa e alargava o campo de visão...

*- Luzia, a mais tarde voce vai me contá essa istóra de
Ciço li agarrano!*

*- Oxe mainha, foi no avexame, eu tive um medo da
gota serena...*

Enquanto isso na plateia o burburinho era um só:

- Bem feito, quem mandô esse leão véi metido a besta se metê cum os povo do Cariri?

- Issé um lião ou um calango?

O poeta Marco di Aurélio alisou a barba grande e já alvinegra, mirou para Zelito Nunes. Os olhos de Marco tentando encontrar os de Zelito. Zelito reagiu:

- Nan, eu vô se virá, toda vez quêle abutica os zói, vem coisa rin...

“Nunca mais tive notícias
desse circo voador
eu só sei que de leão
nunca mais foi comprador
e os gatos das cidades
nunca vão sentir saudades
desse bicho comedor.

O aleijado escapou
foi homem de muita sorte
ficou só ele e o leão
que fraco não dava um bote
enquanto todos corriam
ele ali chorava e ria
por escapar de uma morte.

Eu perdi o meu patrão
e meu trabalho fecundo
um monte de conhecidos
três amigos num segundo

que depois desse entrevero
ninguém sabe o paradeiro
inda tão no mei do mundo.”

- *Eitaaaaaaaa! Caba bom da mulesta!!!!*

Esbraveja Zé de Vando, batendo palmas afoitas.

Nesse instante, Marco ensaiou um andar penoso, arriou os ombros, deixou a cabeça pender pro lado do coração quase encostando o queixo no peito, agitou-a levemente para os cabelos cinza e brancos balançarem ao vento da Macaxeira, com os olhos enxaguados, a voz firme, a garganta atijada, levantou uma mão e disse...

“Nunca mais verei um circo
com a lona só nos lados
nunca mais verei leão
com a fome do finado
só não quero ver Bibiu
a macaca que me viu
respirar dentro de um saco.

Se você se encontrar
na frente de um circo assim
por favor me **avise**
mande um **recado** pra mim
qu’eu quero me recordar
no poleiro me sentar
c’ um leão só para mim.(*) ”

E pronto, é Fim.

As palmas e a gritaria se fizeram fortes naquela noite, naquele Cariri.

Noite em que Ciço teve Luzia nos braços, noite em que Luzia gostou do abraço apertado, do cheiro suado, dos olhos apaixonados, do fungado aproximado.

Foi uma noite de poesia sob todas as formas.

Ciço ria, mordendo um pendãozinho de algaroba.

Luzia olhava por baixo, sentindo a mão firme de sua mãe em seu braço.

Uma noite que a intenção pegou *bigu* na emoção da poesia de Marco di Aurélio

(*) O original tem a seguinte apresentação:

‘Se você se encontrar
na frente de um circo assim
por favor me telefone
mande um emei pra mim
qu’eu quero me recordar
no poleiro me sentar
c’um leão só para mim’

Foram substituídas as palavras sublinhadas devido ao ambiente vivido (anos 70), onde não havia tais facilidades.

Marco di Aurélio autorizou a substituição das palavras.



Glossário

Amulezado: Afeminado

Caçuá: Cesto grande feito de bambu, cipó ou vime usado no transporte de alimentos ou animais pequenos colocado no lombo de animal de carga.

Apague o Facho: Sossegue, tenha calma

Sarthisfarção: Satisfação

Bunda canastra: Virar de ponta cabeça

Imorá: imoral

Enchimento: Falta de respeito, falar sobre coisas imorais

Bebe não, come cum farinha: ingerir bebidas alcoólicas demais

Abra do zói, cabrita: Preste atenção, menina!

Agarrano: Agarrando

Avexame: De súbito, ligeireza

Calango: Lagarto pequeno, típico do Nordeste

Abutica: Cresce os olhos, esbugalha

Bigu: Carona, condução gratuita

Bestage: Besteira

Bitôve: Bethoven

Lião: Leão

O Rapa Coco

(da vez que ela teve ciúmes)

Quase 5 horas da manhã. Galego Galdino sentado no banquinho tirava o leite de Mascarada, a vaca mais leiteira da Macaxeira (de pelo branco e apenas parte do rosto preta) quando no meio da vacaria, viu um vulto branco se aproximando, Galdino empalideceu, as mãos começaram a tremer, o coração disparou...

- *Valei-me Nossa Senhora das Dô!*

E se benzeu. O vulto se aproximava branco, com uma coisa na mão. Galdino de olhos arregalados fixava a visagem, não podia correr as pernas não deixavam...

- *Galego? Tem leitin de Mimosa?*

Era Luzia, envolta em um lençol branco por causa do frio, na mão, um copo de plástico, azulzinho celeste...

- *Luzia, infelí das costa ôca, tu me mata de shusto condenada!!!*

- *Fale dereito galego dága doce, tem ô num tem leitin de Mimosa?*

O sangue retornou por todo corpo de Galdino, o mugido de Mascarada e a posição incômoda do bezerro o fizeram voltar pro serviço.

- *Se escanche ai na cancela qui já vô tirá.*

Luzia subiu na porteira, deixou o lençol cobrindo dos ombros pra baixo e, dentro do copo azulzinho celeste, açúcar e chocolate em pó, de cima da porteira Luzia viu uma rede dependurada e ocupada no depósito aberto...

- *Quem ta naquela rede galego?*

- *Han? É Ciço.*

- *Ciço? Oxente e ele drumiu ai foi?*

- *Apoi! Quano dei fé ele tava na rede. Ói onte teve forró in Zabelê dos bom cum Frávo José e Craudin de Dejinha, viu?*

Pronto.

Luzia se esqueceu de tudo, nem percebeu quando Galdino tomou de sua mão o copo para colocar o leite.

'Onde gota serena Ciço andô e fazeno o qui diabo, oxe e cum quem?'

A imaginação fértil de Luzia criou frutos..

'Será qui ele tava nos forró cás négas de São Sebastião? Oxe as negas de lá é tudim bunita e dança qui só a gota! So fartava essa, Ciço se inrabichano pelas mulé dos otos canto'

- *Óie o leite Luzia.*

Luzia pegou o copo de leite e ainda com o olhar vago virado pra Zabelê, encostou sem sentir o sabor do leite de Mimosa, o copo na boca...

‘E se ele tivé gostado, e se ele vortá pros forró das néga de S. Sebastião, e se ele imbuchá uma néga dessa? Vige Maria!! Num quero nem pensar! Ai meu Frei Damião... ’

A raiva foi tomando posse do interior de Luzia, o copo foi se retorcendo na mão, o leite derramando e Ciço se aproximando...

- Oxente, Já de pé de manhanzinha cedo, tinha ispin na cama era Luzia?

- Tu drumisse no armazém foi?

- Foi.

- Tem casa não?

- E tu num sabe?

-E praque tu drumiu na rede véia do armazém? Tu foi pro forró de Zabelê foi? Foi bom?

Ciço deu uma olhada pra dentro do curral tentando visualizar Galdino, esse percebendo que falara demais, se metera no meio das vacas e sumira do campo de visão dos dois, com um medo danado de alguma reprovação do amigo.

- Vamo, responde se fô homi!

- Oxe Luzia

(Ciço gostava dessas cenas)

- Tu saiu pela porta da cozinha foi?

- *Foi, e isso interessa Ciço?*

- *Tu num viu um paió de paia de mi, incostada perto da cisterna não?*

Luzia ficou intrigada...

- *Vi não e num mude de assunto!*

- *Apôi fumo eu e Dona Judith qui fiquemo inté de madrugada rano o mi pra mode fazê as comida e demoremo pro mude de quê o rapa côco era banguelo, aí entremo de madrugada adento, aí Dona Judith mandô eu drumi no armazém... Oxe!*

Respondida a questão, ele quis saber umas coisas de Galdino.

- *Ô Gárdino...*

Ciço era um menino.

Bom dia Ciço!



Glossário

Infeliz das costas oca: diz daquele que faz coisa errada;
Galego dága doce: diz dos galegos bem amarelinhos.
Escanche: suba
Dei fé: percebi
Enrabichando: paquerando, fazendo a corte
Embuchar: engravidar
Capo: castrar
Ispin: espinho
Pruque: porque
Paio! monte
Paia: Palha
Mi: Milho
Fumo: fomos
Fiquemo : ficamos
Mode: causa
Entremo: entramos
Shusto: Susto

Jesuína

(da vez que Vó Ina falou do tempo)

Jesuína jogou o lençol branco por cima da cama de casal, um cheiro de infância se soltou pelo quarto, aquele lençol com aroma de pretérito perfeitíssimo fazia somente com o olfato; Devolver Judith a um tempo mais inocente e descompromissado que esse de agora.

Já casada e mãe de Luzia, Judith mantinha com Jesuína uma relação de amizade, respeito e admiração. Jesuína a criara e agora a ajudava a criar Luzia melhor que ela própria. Jesuína era um arquivo vivo de sua história.

Mas Jesuína estava ficando velha, o tempo estava cobrando sua parte no acordo da vida...

Jesuína falou:

- Biazinha, Luzia já tá quaje no caritó, a penuge todinha compretinha... Num quero minha minina sentada numa espreguiçadêra fazeno crochê pro santo não...

- Eu nun sei Vó Ina? Zé qui bota canga, num qué ninguém rondano a fia dele e proíbe a minina inté de estudá in Monteiro, pense num osso duro de ruê.

- Oxe, faça sua parte de mãe, e se Luzia ficá véia, ninguém qué.

Judith beijou o rosto daquela mulher septuagenária e já consumida pela solidão de todo o tempo e abraçando-a, tirou-a levemente do quarto.

- *Chegue, venha cá, bora lá pra cozinha...*

Ela sabia que Jesuína tinha razão, Luzia já completara 20 anos, sabia ler e escrever (aprendera com Margarida), sabia as prendas da casa, agora tava na hora dela procurar um marido, um homem que fosse bom para ela, que desse guarida e conforto na alma e na vida...

'Percisa sê rico não, só tem qui gostá e respeitá minha fia, dá umas frô pra ela e uns netin pra eu...'

O dia todo Judith pensava no que Jesuína lhe dissera, foi então que Luzia chegou onde elas estavam...

- *Mainha eu vô cortá o cabelo, bora mais eu?*

- *Invenção é essa Luzia*

- *Ave Maria mainha eu cum cabelão desse, num vô arrumá namorado nunca... Vô ficá sor- tê- ri-nha. Quaje no caritó!*

Dona Judith pensou ser um aviso divino. Por duas vezes o mesmo assunto, de duas formas diferentes a abordava. Foi ao quarto e fitou imagem de Nossa Senhora das Dores, voltou mais pensativa...

- *Vó Ina, quem danado é um namorado bom pá Luzia?*

- *Quem ela iscuiê, iscuído tá!!!*

Dito isso Jesuína foi para o canto de parede e de cócoras, pôs as mãos na cabeça e fechou os olhos... Era assim que ela dormia...

Dona Judith ficou outra vez intrigada.

'*Oxente! Iscuído tá? Quem é o iscuído?*'

- *Vó Ina, acorde mulé...*

- *Oxe mainha, deixe Vó Ina cochilano...*

- *Luzia chegue tava mermo quereno avistá sua pessoa, bora tê uma conversa de mulé...*

- *Vigi mainha o qui foi?*

- *Se assente aqui fia, puxe o tamborete...*

Luzia sentou no tamborete, a mãe sentou-se frente a ela e foi logo dizendo...

- *Minha fia, tá chegano a hora de você arranjar um rapaz decente e trabaiadô pra mode de namorá né?*

Eita! Luzia abriu um sorriso, os olhos brilharam tanto que pareciam orvalhados em pleno meio dia e começou a afastar as coisas de dentro de sua cabeça para que somente ele estivesse presente e foi a ele guiando pelas veias que corriam por dentro do seu coração, era como se os olhos olhassem bem dentro, pela alma...

-*Tá óvino Luzia?*

- Tô mainha.

- Apôii, Vô Ina dixei que tu intê já iscoieiu esse namorado, quem é?

Luzia queria dizer bem alto: CIÇO!

Mordeu os lábios, rindo e disse...

- Oxe mainha, vô Ina ta caducano, tem ninguém não, oxe...

Luzia deu um salto e saiu correndo e cantando por dentro da casa em direção ao umbuzeiro, lá do outro lado da estrada...

- Luzia, Luzia, vorte aqui, vorte aqui minina maluvada!

Luzia não escutara. Dona Judith ficou matutanto, mexendo nas brasas do fogareiro e virando a carne de sol, quando do canto de parede ouviu a voz cansada e sábia de Jesuína...

- D'estar biazinha, quano meno esperá, ela vai aparecerê cum iscuído, de braço dado.

Lá fora, Luzia se balança no umbuzeiro e cria a situação quase real de Ciço namorando ela, na casa dela, na calçada dela, na cadeira de balanço, a vitrola ligada cantando uma música dos *Fevers*, na frente de todo mundo...

- Vigiiiiiiiiii, me arrepiei todinha!



Glossário

Tamborete: Banquinho

Maluvida: Mal Ouvida, danada, sapeca

Óvino: Ouvindo

Quereno: Querendo

Bora: Vamos

Iscoiê; iscuído: Escolher, escolhido

Sor- te- ri- nhaaa: Solterinha

Caritó: Lugar de moça que não casa

Penuge: Penugem, As penas, pêlos ou cabelos que nascem primeiro

Bota canga: Dominar, oprimir alguém.

Osso duro de roer: Sujeito difícil de dobrar

Tôco, Pitôco e Catôco

(da vez que Galdino chorou de alegria)

Nem bem terminara de almoçar, Luzia escutara o bater de palmas em frente a sua casa. Deitada olhando uma revista que ganhara de sua amiga Silvinha, ignorou o chamado.

As palmas insistiam.

‘ vigi, qui povo pra agoniá, vai acabá acordano mainha...’

Levantou-se a contra gosto e ao abrir a porta de cima deparou-se com uma mulher de pele negra, na faixa dos 27 anos, uma mala amarrada com barbantes postada ao lado esquerdo, uma sacola com algumas latas dentro e três meninos.

Um escanchado em seus braços, outro encostado na mala e o outro reconhecendo o terreno...

- Tarde moça!

-Tarde senhora, lôvada seja Nossa Senhora do Bom Parto!

- Aqui é a Fazenda Macaxeira?

- É sim, praquê pergunta?

- A Macaxeira de Zé Vando?

- *Oxe, fale assim não! Már é aqui mermo, pro mode de quê a sinhora pergunta?*

A curiosidade fez Luzia se apoiar na porta de baixo.

- *Apôí é aqui qui meu marido trabaia...*

Luzia ficou intrigada. Abriu a porta de baixo, foi à calçada e, de cima, buscou uma sombra e perguntou-lhe?

- *E qui má li pergunte... Quem é o marido da sinhora?*

Havia um temor em sua pergunta.

- *É Galego.*

Respondeu a senhora.

- *Galego? Oxe, num trabaia Galego aqui não...*

- *Trabaia moça, ele é vaquêro e vêi de Sertânia... Pro mode duma peixerada quêle deu num caba safado qui buliu cá mãe dele, tadinha, inté defunto a véia é...*

Nisso, foi chegando Ciço de chapéu de couro na mão e observando a cena e também não deixando de ouvir parte da conversa foi logo dizendo...

- *Oxe Luzia, esse galego é Gádino...*

- *Eita Ciçoouooooo, num é quié mermo? Galego Gádino...*

A descoberta aliviou Luzia.

- *E esses minino?*

- *Tudin dele.*

Respondera a mãe...

- *A moça num tem uma cuia d'agua não, os minino tão tudin morreno de sede...*

- *Oxente, Ciço leve a mulé e os minino lá pra trás qui vô pegá água bem friinha...*

Ciço tratou de levá-los para a parte de trás de casa, onde um juazeiro grande e antigo oferta sua sombra e com suas folhas verdinhas abana a casa todinha, levando até quem se encontra na cozinha uma brisa suave e preguiçosa.

Luzia com o caneco na mão, enchendo os copos com água fresca perguntou:

- *Qualé sua graça?*

- *Ana. Ana Clara.*

Oxente! Frisou a testa Ciço.

'Ana Clara? Danou-se... Se ela fosse galeguinha ia se chamar cuma?'

- *E os mininos? Quá os nome deles?*

- *O mais véi é Dilermano, tem 8 ano; o do mêi é Orlando, tem 7 ano e o mais novin é Rolano, tem 6 anin.*

- *Eita Don'Ana Crara, é uma carrerinha né? E tudin maguin, parece uns sibito baleado...*

Ana Clara apenas olhou, como se concordasse.

- *Parece uns potin de botá feijão, arrô e farinha.*

Completo Ciço.

Com a sede morta, Ana começou a contar do sufoco que teve pra chegar até a Fazenda, até que dispersa não percebeu a chegada do marido...

- *Oxente, Minha Santa Luzia, istique meus zói. É minha mulé é? Meus mininin? Chegue meus fiin, chegue Tôco, Pitôco e Catôco? Hen hen, qui sarthisfarção, qui coisa boa, oxente..*

Galdino não se continha de tanta euforia, tanta alegria de ver sua família novamente junto a ele... De cócoras, abraçava e beijava cada um de seus filhos e os abraçava com tanta ternura e com tanta força que de vez em quando olhava para cada um pra não ver se não os tinha machucado.

De pé, com os olhos marejados, os braços cruzados, a ponta do nariz se avermelhando e se aproximando de Ciço, Luzia fez um comentário breve...

- *Ciço, ai qui coisa lindra... Tu vai sê assim tombém né?*

Ciço embarcou...

- *E nós vamo tê logo onzi?*

Rapidamente eles se entreolharam, espantaram-se e se afastaram...



Glossário

Vêi: Veio

Morreno: Morrendo

Cuma: Como

Sibito Baleado: Pessoa muito magra e ágil

Treizi: Três

Maguin: Magro

Potin: potinho

Pruê Pergunta: porque pergunta

Acordano: Acordando

Escanchado: Sentado ou montado com uma perna de cada lado de alguma coisa.

Lindra: Linda

A Casa de Ciço

(da vez que ele rezou)

A casa de Ciço, como não podia deixar de ser, era bastante simples.

Uma sala grande e quase oca, dentro dela uma cadeira de balanço faltando alguns fios. Um quarto com dois espaços para portas, um dando pra sala outro pro corredor, cortinas serviam de portas. Logo ao fim do corredor pequeno a cozinha ampla, mas antes, no meio do corredor, uma janela que dá pro terreiro onde o sol se espalha de manhãzinha e que quando chove, até parece uma barragem sangrando...

Na cozinha, uma mesa grande e dois bancos compridos, um fogão de lenha açoitado pelo fogo e preto pelo carvão despejado e por sobre ele bem ao lado se encostando na parede de cor esquecida, uns potes contendo açúcar, café, sal e também farinha. Um armário faltando os vidros, copos, talheres e pratos se oferecendo a quem estirasse a mão. Algumas poucas panelas de alumínio, em baixo, panelas de barros e um bule feito de flandres; no canto um pote tampado com um pedaço de compensado e em cima dele uma lata arredondada e vazia de óleo nas cores amarelo e preto. Ao lado da cozinha, há um outro quarto e esse era de sua maior serventia, era lá que guardava as lembranças materiais de sua mãe, Ciço o mantinha intacto por descuido ou talvez respeito

. Depois do quarto um quintal imenso sem barreiras, sem muro, sem fronteiras e por lá se criava e se desfazia um sanitário que muito pouco era usado, mas pelo espaço que havia quase nunca era repetido o lugar em que as necessidades eram feitas...

No primeiro quarto, aquele que é vizinho a sala onde Ciço pouco vive e muito dorme, há uma cama de solteiro, com lastro de ripas e colchão de capim seco, um guarda-roupas com as portas abertas mostrando o tão pouco que se tem, em cima dele casas de marimbondos desabitadas, poeiras acumuladas e esconderijos de lagartixas e outros seres que por opção passassem por lá; ao lado da cama uma mesinha muda e observadora igual a criado mudo e em cima dela, copos, quartinha sempre cheia com água bem *friinha*, um candeeiro com pouco gás, fósforo de caixa de madeira fininha e uma imagem de Padre Cícero circundada por três terços: um de madeira, um que era branquinho e um outro azul. No pescoço da imagem, havia fitas... Por trás da mesinha, uma foto de seus pais.

Foi no segundo quarto onde habitam lembranças e alguns tipos de insetos preguiçosos que Sabida se instalou, de vez em quando, arranhava as paredes de taipa e o chão de barro batido, às vezes ensaiando o desespero do parir e em outras o diminuir das unhas tão natural. Sabida tem seu cantinho de se aquietar, em uma estopa ao lado da cama desarmada, ela deita, rosna, ronca e quando de madrugada lhe falta o sono, vagueia por toda

casa, às vezes, instalando-se embaixo da rede de Ciço que é preferencialmente seu lugar de dormir.

Lá fora, saindo pela porta da cozinha, há um tonel grande onde Ciço guarda água doce que ele traz em latas da barragem, umas tábuas servem de piso, no espaço entre a porta da cozinha e o resto de quintal, provavelmente seja ali lugar de banho, quando não há tempo de se ir até a barragem. Um caneco de ágata pendurado numa ripa que estava em desalinho, colocada a frente de todas as outras e entre as frestas das telhas, a escova de dentes e um tubo de pasta dental.

Existem 3 janelas na casa: uma que fica lá no meio do corredor, outra vizinha a porta da frente e a outra no segundo quarto. É na janela do corredor que Ciço se debruça de manhã cedo e como se esperasse a vida acordar, sorve alguns goles de café forte, mastigando forçosamente alguns grãos que se formaram do pó que não foi coado. Olhando fixamente para uma mangueira existente no oitão da casa, sem ouvir o cacarejo de galinhas e derivados à toa no terreiro, ele se entrega a um futuro que se movimenta devagar e silencioso, um futuro de mãos dadas com as de Luzia, ali naquela janela, quando o sol agora acorda realmente seus olhos, ele se depara com a saudade e imagina o sono de sua Luzia, numa cama quente e sozinha, num lençol macio e aquecido, num cabelo escuro e emaranhado, naquela voz tremida, naqueles olhos pretinhos...

Ciço respira fundo já sem café na caneca, vai ao quarto – o primeiro- beija a imagem de Padre Cícero, toca nas fitas, olha a foto dos pais e faz sua oração...

“Ó Deus, Pai dos pobizin,

qui inframasse o coração do Padin Pádi Cíço cum enoime amô prus desamparado,

sem casa e sem chão e fizesse dele o Conseêiro dos Povo sofrêdô

e do zamô pra Nossa Senhora Das Dô

dá pra ele o sussego quêle num teve na terra dos zómi e da zalegria do paraíso.

Faz se amostrá no mundo todin os imitadô do Padin Pádi Cíço, pra ajudá nós na sarvação, pru mode de nós crescê a fé, qui é o qui vale e é a maió riqueza do mundo.

Qui Nossa Senhora das Dô, Mãe fié ao pé da cruz , comprete o pidido do qui nós queremos.

Pelo minino Nosso Sinhô Jesus Cristo.

Amém” ()*

Após a oração, fez o sinal da cruz, olhou outra vez para a foto dos pais e voltou pra sala.

Na sala quase oca, como se embrulhada estivesse, uma rede cochilava durante o dia, em um de seus punhos, amarrados e bem amarrados, fitas que um dia coloriram um vestido de Luzia, no torno onde repousa,

há um alforje vazio como a sala, no outro torno uma camisa em desuso...

No bolso da camisa, um friso.

(*) ORAÇÃO A PADRE CÍCERO

(www.catequisar.com.br/texto/oracao/santos/06.htm)

Ó Deus, Pai dos pobres, que inflamastes o coração do Padre Cícero com um grande amor para com os desamparados, sem casa e sem terra e o transformastes no grande Conselheiro do Povo Nordestino e no zeloso incentivador da devoção ao Rosário e da veneração de Nossa Senhora Das Dores, recompensai esse grande apóstolo com o descanso de sua vida atribulada e com as alegrias do paraíso.

Fazei fugir no Nordeste e em todo o Brasil muitos sacerdotes, imitadores do Padre Cícero, voltados para a pobreza material e espiritual do povo que busca a salvação, para que nos ajudem a aumentar a nossa fé, única riqueza verdadeira.

Que Nossa Senhora das Dores, Mãe fiel ao pé da cruz, dê força ao nosso pedido e nos alcance o que desejamos.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

Obs: O Padre Cícero Romão Batista nasceu no Crato, em 1844, e exerceu o sacerdócio em Juazeiro do Norte, Ceará. O Padre Cícero **não foi canonizado**, mas ele fez muita caridade, tanto assim que o povo bom e religioso de Juazeiro o tem como uma santa pessoa. O cangaceiro “Lampião” costumava visitá-lo e escutava os conselhos que o padre lhe dava. Chamava-o de padrinho: O Padrinho “Cição”.



Glossário

Pobizin: Pobrezinho

Morreno: Morrendo

Inframasse: Inflamasse

Padim Pádi Cição: Padrinho Padre Cícero

Enoime: Enorme

Prus: para os

Conseêiro : Conselheiro

Zamor: Amor

O sussego quele num teve na terra dos zómi: O sossego que ele não teve na terra dos homens

‘Mãe fié, complete o pidido do que nós queremos: Mãe fiel complete o pedido que nós queremos

Chico Rumão e Santana

*(da vez que a saudade molhou
o coração dele)*

A seca de 66, ainda não cicatrizou por dentro de Ciço.

Foi no meio dela que seus irmãos se apartaram e se distribuíram pelos mais distantes destinos do Brasil, foi bem acolá no meio da seca, sem sequer ouvir os apelos derradeiros de sua mãe e os últimos suspiros de seu pai, quando ele os perdeu de forma solitária e traiçoeira.

De uma família religiosa, todinha de filhos homens (cinco ao total), a mãe sempre lamentava, em qualquer cenário disponível a perda da única filha com três dias de vida.

Era Vila de Camalaú e era toda cinza. Era seca. Era o Cariri da Paraíba.

Eram os garranchos secos que atravessavam memórias distantes, que aproximavam saudades, eram situações que faziam Ciço tropeçar nos tocos de juremas esquecidos nas lembrança de menino.

Desde que escaparam da Seca de 53, os pais de Ciço (Francisco Romão e Josefa Santana, mais conhecidos por Chico Rumão e Santana) que eles temiam a chegada de nova falta de internada e regavam com todo desejo, qualquer semente d'água plantada, prestavam atenção nas profecias e faziam suas adivinhações.

Chico Rumão viu sua Vila Camalaú se tornar independente de Monteiro e junto com Santana, deu vida a Bastião, Rufino, Apolinário, Roberto e Ciço.

‘ Betin dixe qui mãe num teve tempo de batizá Maria do Céu’

Morreu pagã a única filha do casal.

Depois de tanto sofrerem com as estiagens, foi em 66, (Ciço com 14 anos de idade) que Santana não suportou as chagas do tempo, chegando a falecer no caminho que separava o Sítio Roça Velha do Rio do Espinho. Ia ela com Apolinário e Roberto, cada um com uma lata na cabeça, a mãe carregava além das mazelas que a acompanhavam, uma cuia que era pra ajuntar água de uma cacimba cavada no leito do rio. Doente, a mãe sucumbiu diante dos olhares nervosos e intrigantes dos filhos.

Sequer pronunciou um adeus:

‘ mãe foi fraquejano, ficano fraca das pernas, se ajueano, se ajueano, aí arribô os zói e apontô pru ri, nós oiêmos e quano vortemos a espíá ela já tava sôrta na terra quente, a cabecinha relada cás pédas qui tinha aculá, aí chamemo: mãe, ô mãe?... Eu e Betin, ela num pestanejô már não...’

Apolinário travou e encheu os olhos d’água, engoliu em seco e se aproximou do nada, ficou lá por muito tempo.

‘aí Polinaro dixeu, vamo levá mãe pra sombra. Levemo e ela nunca mai se arribô, Sant’Ana vêi buscá ela, ai chame memo pai e os zôto e mãe agora ta carregano água pro zanjim lá de riba...’

Roberto fitou-o e fez o sinal da cruz.

Meses depois, Chico Rumão, vaqueiro dos bons, homem trabalhador e rude, pastor de cabras e bodes, arranjador de serviços dos mais variados, não suportou a solidão e numa outra noite sozinha e quietinha, partiu sem se despedir dos filhos, sem soltar cabras e bodes, mas com o serviço derradeiro bem feito foi ao encontro de Santana.

“era umas 4 hora da manhã quano fui chamá pai pra ir sortá a criação, ai eu chamei qui só a gota, cutuquei ele e pai nada...”

Rufino mastigava um pedaço de tristeza e desenrolava a história.

‘ Bastião dixeu, óie Rufino, eu vô deixá Ciço na casa de Tiana e tu vai cum pai lá pra Cangaia, qui hoje quem vai tomá de conta das coisa de casa é Polinário, Betin vai mai zêu.’

Atarefados com seus afazeres, já de manhãzinha, os 4 filhos desconfiaram do sono esticado do pai e quando perceberam que ele tinha morrido foi como se um trovão, um corisco caísse somente dentro da casa deles.

O silêncio era a forma mais completa de traduzir o momento.

Era outra dor.

Era um destino.

Era uma partilha.

Poucos dias depois, os irmãos se separaram, Tiana ficou com Ciço. Roberto e Rufino foram pro lado do Maranhão, Apolinário seguiu rumo ao sertão de Pernambuco e Bastião se meteu em cima de um pau de arara e nunca mais deu notícias.

Ciço sente essa ausência.

Feito homem rude, Ciço além do carinho de Tiana, tem o amor por Luzia e de Luzia, precisando para isso somente detalhes que transformará numa boa invernada, o resto de vida Severina que lhe foi entregue.

Ciço haverá de saber regar essa lavoura.

'oxe, de vivê suzin eu qui num guento már não...'



Glossário

Se ajueano : Se Ajoelhando

Arribou os zói : Levantou os olhos

Apontou pru ri, : Apontou para o rio

Ela já tava sorta na terra quente: Ela já tava deitada na terra quente

Relada cás pédas: Arranhada com as pedras

Ela num pestanejou mar não: Ela não bateu os olhos mais não

Os zôto : Os outros

Cutuquei : Tocar alguém com o dedo, o cotovelo, etc

Cangaia: Cangalha, Peça de três paus, unidos em triângulo, que se enfia no pescoço de animais;Sítio de Camalau.

Tiana

(da vez que ele trouxe a tia)

A chegada de Tiana iria facilitar a vida de Ciço. Única tia materna viva, Sebastiana já beirava os 70 anos, ainda lúcida, vinha de Camalaú após conseguir sua aposentadoria. Era Tiana para todos os sobrinhos e netos.

E Ciço era o xodó dela. Depois que viu seu último filho casar e partir para São Paulo, decidira assediar a solidão, até o dia que encontrara por acaso Ciço na feira do Congo...

- Bença Tiana!

- Deus te dê muitas alegria, paz, juízo e saúde... é Ciço ?

- É eu mermoTiana, a senhora vai bem?

- Cuma Deus qué, umas dor na pá, aqui in riba, oi qui num tem jeito de assussegá, mas eu nem xite!!!

- Már ta Tiana, nêstantin a senhora tava boazinha...

- Nera não? Már a dor vem de sulavanco...

- Oxe Tiana e a senhora morano sozinha, agora qui Nastáço foi pra sumpálo?

- É meu fi, nós quano fica véi, véve pelejando pelos cantos... Meu fi inda ta na Macaxeira de Zé Vando?

- Oxe Tiana, fala assim não.

- *No sítio, homi.*

- *Tô sim Tiana, derna qui mãe morreu e qui saí da casa da sinhora qui to lá deréto...*

- *Sozin? E num arranjô casório inda não?*

Era como se Ciço fosse intimado a casar. A mostrar serviço, pra vingar o fruto...

- *Casei nada Tiana...*

- *Tu mora sozin no mêi daqueles matos?*

- *Nan Tiana, mora eu e Sabida.*

- *Quem?*

- *Sabida, minha cachorra...*

- *Issé lá nome de animá?*

- *Pense numa cachorra Sabida, parece gente! Már Tiana cadê Tia Socorrinha?*

- *Côca ta in Taperoá, maga qui só a gota, só tem o buraco e a catinga...*

Não havia atalhos para as palavras dela. Tiana não mandava recados, dizia, ali na cara de qualquer um, o que deixava desconcertado quem estivesse perto dela, até mesmo Ciço, que praticamente fora criado por ela.

- *E ela casô Tiana?*

- *Casô nada, se amancebô cum sordado de policia e todo dia leva uma surra pra se alembrá qui ta viva! Ô*

coisa bem impregada, bem qui avisei: 'Côca, tu num vai simhora cum esse caba', ela num atendeu, espia no qui deu!

- Só farta agora de tê uma réca de minino né Tiana?

- Apôí quem pariu Mateu qui balance... E voismicê Ciço? Um galalau, bunito, num casou pro mode de quê? As moça da Macaxeira num gosta de homi não é?

Ciço riu e viu o reflexo de seu sorriso nos olhos de Luzia, lembrou imediatamente dela... Do sorriso dela e daquela voz dengosa pedindo favor...

- Ciço?

- Senhora?

- Tu vai ficar rapaiz véi é?

- Vô não Tiana, lá tem uma moça qui Padin Ciço me deu de presente...

- Apôí diga a ele qui voismicê vai disimbruiar logo esse presente prumode de qui tu ta ficano acabadin...

- Oxe Tiana, ta variano é?

- Eu devia ir pra Macaxeira cuidá de tu, derna qui Santana morreu - qui Deus a tenha - qui tu num come dereito, isso eu espio nas bila dos zóio qui ta mei amarelado...

- Tá cá bobônica Tia, é qui eu chupei 3 rolete de cana...

- *Chupou pelo zói foi?*

Nesse instante, Ciço teve a ideia de convidá-la para morar com ele. Afinal ela era a tia que o adulava quando criança, que passou uns dias com ele quando a sua mãe falecera. Havia muita empatia entre eles e agora ela estava sozinha...

- *Tiana qué ir morá maizeu não?*

Quis.

E agora, Ciço estava ajeitando a casa pra receber sua tia. Era um homem feliz e sabia que no dia que casasse com Luzia, levaria Tiana e Sabida. Elas faziam parte de sua alegria. Sua história de vida estava se montando.

Daria para Tiana o quarto primeiro, ia comprar um guarda-roupa seminovo, armar a cama que poderia ser de sua mãe e quando fosse na Feira de Zabelê ia fazer umas comprinhas. As outras coisas, do tipo móveis, utensílios e roupas de cama, Tiana traria de Camalaú.

Era uma vitória contra a solidão.



Glossário

Mága: Magra

'Só tem o buraco e a catinga': Pessoa desmiliguida

Amancebou-se: Amaziou-se

Réca : monte

Quem pariu Mateu que balance : quem fez filho, que tome conta

Galalau: rapaz alto

desimbruiar : desembulhar

Derna: desde

Deréto : Direto

Pá: osso omoplata

Assussega: Sossega

Nem Xite: não dou atenção

Már: Mas

Nestantin: nesse instante

Néra: Não era ?

Sumpálo: São Paulo

Véve pelejano: vive tentando.

Variano: Delirando.

“Veigança” de Jucá

(da vez que Tião contou uma estória)

Com a chegada da internada, Zé Vando contratou os serviços de Tião para ajudar Ciço na plantação da lavoura. Esse ano iria plantar milho, feijão e melancia, a expectativa era que até o começo de Junho, o milho já estivesse no ponto...

- Tarvés no mês de Santana, seu Zé.

Consertava o desejo do patrão, o caboclo Ciço.

Já no roçado, Tião e Ciço começaram a cavar as covas pra plantar primeiro o milho, seriam 5 hectares de milho e somente 2 de feijão.

- O sol hoje tá cá fébi de tão quente né Ciço?

- Tá mermo Tião.

E seguiam. Um cavando e o outro atrás, soltando os caroços de milho, cinco em cada cova...

- Ciço tem muito fio?

- Inda num casei não Tião, már tá pertin.

- Apô o homi qui si casá tem qui sê muito homi pra sê só da mulé qui ele iscôieu..

- É mermo...

- Tem qui sê caba macho.

- *Óie Ciço, lá no Congo tem um cumpade meu, Seu Vardemal, qui ele era casado, era não - qui num morreu inda- é casado cum Dona Socorro, aí ele tinha 12 fio..*

- *Seio...*

- *Antão, ele nunca tinha se abestaiado pra mulé nenhuma, ia nas feira de Sumé, num arreparava in rabo de saia nenhum, mar num é qui uma catraia se afeiçãoou dele?*

- *Oxe e foi?*

Ciço encostou-se no cabo da enxada e encarou o amigo, que tirara o bisaco de sobre o corpo e ajeitando o chapéu, continuou a estória...

- *Foi. Cumpade Vardemal era um homi vistoso, homi da roça, cás fuças tingidas pelo só, chamô as zatenção daquela mulé...*

- *E o homi feizi o que?*

- *Feizia fera. Somente isso. Saiu da buodega de Armando e foi embora pro sítio. Cumpade Vardemal trabalhava de só a só, todo dia. Num domingo ele acordô bem cedin e foi pro roçado, tava lá ele cuidano da prantação, quano iscuitou um baruio nos matos...*

Ciço arqueou as sobrancelhas...

- *Diz o qui era Ciço?*

- *Um jumento?*

- *Oxe, jumento nada. Era a tá biscatêra.*

- *Quá? Aquela mulé da cidade, ela foi atrás do teu cumpade e no roçado... Eita gota!*

- *Aí ela começou a se inxirir pro cumpade e o cumpade fazeno de conta qui num era cum ele, e ela se bulino, se amostrano, arribano a saia, aí o cão atentô e ele fez as coisa cá mulé...*

- *Meu Padin Padi Ciço!!!*

- *A comida qui o cumpade gostava mais de comê era buchada cum pirão de bode, ele comia qui lambia os beiços*

- *Ixiiiiiii, é bom mermo!*

- *Adispois de fazer inchirimento cá mulé da vida, ele foi pra casa armoçá, chegano lá se banhô e foi pra mesa... Caladin, disconfiado, cá cabeça pesada, o coração mais ainda...*

- *Vixiiiiiii Maria*

- *Antão, cumade Socorro preguntava o qui se assu-
cedia, ele dizia qui nada, ai de repente caiu num choro
disgramado...*

- *Oxe!*

- *E chorava, se banhava no choro, os mininos tudo se
agoniano: 'eita a cascávê pegou pai' e chorava minino,
chorava pai, cumade tava tendo um neivoso, quano
cumade, dixeu: 'os minino vão tudim pro quarto qui eu vô
falá cum Vardemal...*

- *Eita fébi! Agora o canção pia...*

- *Cumpadi, inda chorano, a cumade cum prato de buchada dele na mão, ele chein de remolso, confessou o pecado e dixeu: Corrinha, eu pequei, e conto o assucedido, tôdin...*

- *Caba corajoso!!!*

- *Ciço, cumade levantô a concha do pirão, mirô nos zói do cumpadi e dixeu, mermo assim... Vardemal, tu vai fazê astra vez?*

- *Ele dixeu o quê?*

- *Dixeu qui não né? tu dizia o quê?*

- *Oxe Tião, fique nelvoso não*

- *Qué qui conte ou num conte?*

- *Conte, conte...*

- *Apois num atrapaie már não... ai o cumpadi dixeu: ' nan, Deus me livre, tô arrependidin...'*

- *Valei-me minha Nossa Senhora das Dô...*

- *Cumade Socorro chamou os fios e disse: vamo armoçá, num foi cobra cascavé qui môdeu seu pai não, foi ôta qualidade de cobra. Os bichins cum zoin tudo lambido de choro, sentou tudin caladin ispiano o pai na cabeceira da mesa... Aí cumade entregô o prato ao cumpadi, num dixeu nada mais aos minino, botô os comê deles, se virô de banda, engoliu o choro, limpô os zói e sentô do lado do marido...*

- *Mulé macho da gota...*

- *E né não? No ôto domingo, bem cedin, o cumpadi foi pro roçado, ele dixeu qui era umas 5 hora quano ele chegou lá e avistô de longe a tá fulaninha, puxô a peixeira da bainha e tirou uma veigança de jucá...*

- *Eita bixiga... E ela vortô no roçado?*

- *Vortô e quano ela começô a se inxiri de novo, o cumpade arribô a veigança e se num fosse os povo acudino ela, ela tinha levado uma surra da mulesta, tarves intê um cristé...*

- *Caba macho Tião...*

- *Cumpadi Vardemal gritava: 'se arretire daqui sua burrega dos inferno, tu num rói meu júzô már não, infitêti...'*

- *Tião e se tivesse cancela ela levava nos peito nera?*

- *E num levô não? Apô é assim Ciço. O homi pra ser homi tem qui sê só da mulé de casa.*

Voltaram para o serviço.

Ciço ficou impressionado.

Da impressão criou sua própria estória onde ele era o compadre e Luzia, colocava o almoço deles e dos filhos, sorridente, atenta, atenciosa e amorosa.

A parte da traição Ciço não se aventurou a imaginar. Não havia espaço, não naquela vida...

No resto do dia, falaram mais sobre outras coisas, ele e Tião.



Glossário

Tarvés: Talvez

Né: Não é?

Abetaiado: Tolo

Uma catraia se afeiuou: uma prostituta gostou de...

Cás fuças: Com o rosto

Vortou; Voltou

Feizi o que? Fez o que?

Cedin, prantação: cedinho, plantação

Quano ele iscuitou um barui: quando ele escutou um barulho

Biscatera: mulher de vida fácil

Inxirimento: ato sexual

Antão: Então

Assucedia: Sucedia, vir acontecer depois

Disgramado: danado

Remolsso: Remorço

Astra vez? Outra vez? Nelvoso: Nervoso

Veigança: Vergança, de verga, vara flexível, cipó

Jucá: árvore conhecida como pau ferro, uma madeira, de tão dura, serve para fazer cangas de boi.

Cristé: Mistura de pimenta malagueta, cachaça e pimenta do reino. Depois de pronta, era introduzida nas partes íntimas da mulher, como forma de intimidação. Geralmente esposas aplicavam em amantes dos maridos, antigamente muito comum no interior de Pernambuco (Jupi, Lajedo, Calçado, Canhotinho, Ibirajuba, Jurema, cachoeirinha, São bento do Una...)

Um Catingueiro

(da vez que ele teve medo)

Caminhava Ciço, perto do meio dia. Dentro de um dia quente e longo.

'purriba da fé de meu padin Ciço, num piriga nada'

Era a caatinga grisalha.

Ciço olha pra cima e vê tudo azul...

'faiz tempo qui istiô, o céu num istrala, os perero tudin ôco inté parece secá, arremedano o barreiro dos Moura...'

Ciço juntava a fé e agonia.

Não chovia.

Não esfriava.

Ciço buscava esperança.

Buscava motivos...

'oxe, inté parece qui os vaquero ofenderô a Deus, prumode dele impuerá o véu da chuva'

Apesar de toda crença, havia indignação.

O Cariri esquentava, os animais sofriam, as árvores padeciam, os homens reclamavam, as mulheres rezavam...

'A criação num fareja mais água não. Num tem! Qui anjo trove nutiça qui a Macaxeira ia virá lajedo ?

Pensou e sorriu adiante...

'Diante das vista dela tem o pé d'imbú, inda de dá de vê as fôinhas verdinha'

Mesmo em conflito com o sol, Ciço buscava a sombra e a visão de tela para a amada. Era um homem preocupado com o bem-estar dela e a via defronte de um umbuzeiro. Ciço sentiu fome...

'Eita gota! A boca do istambo agora imbruiô'

Foi quando ele viu, na beira do barreiro rachado e de resto de águas de cheiro e sabor comprometidos, uma jaçanã...

'Valei-me meu Padin Ciço Rumão Batista!'

A jaçanã, por sair somente à noite e viver em pântanos, caminhando sobre as ninfeias, é identificada pelo povo com as almas penadas, que cumprem um castigo na terra, até o júizo final... Ciço fez o sinal da cruz e não se aproximou...

O que era aquilo? Um sinal?

E nem era meio dia inteiro.

Com os dois dedos, um de cada mão se juntando em forma de cruz, Ciço todo arrepiado tentou gritar, mirando a jaçanã, disse:

- *Vigi Maria, passarin agorento!*

Carregue sua tristeza

P'ra longe d'eu e de Luzia

Eu li disconjuro passarin malassombrado!

Avô! de vorta mulestado, pro destino qui é só teu...'

A jaçanã voou.

Ciço tomava contava dele e do amor por Luzia.

Um catingueiro pastorando o cinza que o cercava, uma luta danada pra manter de pé a esperança, despertando o medo de deixar sua terra sozinha carente de água e cheia de estórias de lamento.

A caatinga era naquele momento um lugar solitário cercado de provocações, inóspito e cheio de sons.

Ali Ciço sentia desprotegido e encaminhado para casa de Dona Judith, fez outro sinal da cruz, sem olhar para trás tentou fechar os olhos para ver o caminho de volta...

'Vige Sinhôra das Dô. Me ripiei todin, da cabeça aos pé.'



Glossário

- Purriba:** Por cima
Piriga: Periga
Istiou: estiou
Istrala: estrala
Perero: Pereiro, árvore de pequeno porte e muito difundida na caatinga
Arremedano: imitando
Barreiro: pequeno açude
Ofenderô: ofendeiro
Prumode: Pro caso de
Impuerar: empoeirar
Trôve: Trouxe
Nutiça: Notícia
Lajedo: Trecho do campo coberto de pedras
Fôinhas: Folhinas
Istambo: estômago
Imbruiô: Embrulhou
Agorenta: Agourenta
Malassombrada: Mal-assombrada
Ripiei: Arrepiei
Avô: Voe

‘Mei’ Tijolo de Goiaba

(da vez que foram ao mercado)

Luzia em frente ao espelho tentava se desvencilhar de sua mãe

- *Ai, mainha , oxe eu num gosto desses totó...*

- *Deixe de sê beradêra Luzia, adonde se viu, uma moça prendada andá sem totó nas fêra, teu pai me mata se vê tu assim toda malamaiada. Balance a cabeça não! Oxe! Vô amarrá a Maria Chiquinha.*

Era manhã cedo de um sábado esquecido em uma folha de calendário. Feira em Monteiro.

Do lado de fora, impacientando-se Zé Vando já acelerava o caminhão Chevrolet 69 vermelho agoiabado. Em cima dele, Galdino e Ciço encostados na carroceria do caminhão aguardavam Dona Judith e Luzia.

- *Tá dueno mãe!*

- *Se agüente qui teu pai ta só isperano Ciço se arribá no caminhão...*

- *Oxe, Ciço?*

- *Ciço, conhece már não é?*

Claro que conhece. O coração dela mais ainda.

- *E Ciço vai fazê o quê na fêra?*

- *Isso é pobrema dele, o meu é infeitá mia fia, ramu simbora...*

Ela não queria que Ciço a visse daquele jeito, parecia mais a boneca 'Suzi' de cachinhos. Dois, um em cada lado...

- *O qui bixiga tem mulé qui se astrasa tanto?*

- *Releve Zé, já tamu subino.*

Antes delas subirem, os olhares de Ciço e Luzia se encontraram.

Galdino ensaiou um riso, mas não se atreveu a continuar e nem comentar a aparência de Luzia...

O caminhão Chevrolet deixava rastros pesados na estrada poeirenta, dentro da cabine Zé Vando dirigia, Dona Judith na porta e entre eles, Luzia, quase de pescoço torcido de tanto olhar para trás onde estava ele. Em cima da carroceria, agarrado com as duas mãos, Ciço retribuía o olhar...

Já no mercado, fizeram a partilha de destinos: Zé Vando chamou Galdino pra comprar uns arreios e outros equipamentos pra fazenda, Dona Judith antes de ir à Casa Progresso, de Paulo Cabeção, comprar uns artesanatos e logo após ir até a casa de Ilma Lúcia, uma comadre sua, pediu a Ciço que fosse com Luzia ao mercado, na barraca de Lourival, comprar tijolos de doce de umbu, jaca, abacaxi, goiaba...

'Ixiiiiiii, eu suzin cum Luzia?'

Ria pelos olhos, Ciço.

O coração dela dava cambalhotas de felicidade.

- *Dia, seu Lourivá!*

- *Dia Ciço, boin dia Luzia, adonde ta sua mãe? Seu Zé ta bem?*

- *Mainha foi na casa de Dona Ilma incomendá uns pano e pai ta na fêra...*

- *Apô mande um abraço pra ele e diga: vêi pegá os doce foi? Doce de quê?*

- *Foi, Ciço é quem sabe...*

- *D. Judith mandô buscá uns tijolin:*

2 de imbu; 2 de jaca, 1 de abacaxi e mêi tijolo de goiaba.

A barraca quase no meio do mercado era quente, como quase tudo naquele Cariri, Lourival era mestre em atendimento, pegou a faca peixeira que estava na cintura e apontou pro doce de goiaba:

- *Vô tirá uma lasquinha do tijolo de goiaba, pra mode voeis prová.*

Luzia rejeitou:

- *Quero não.*

Ciço pegou seu pedaço e ao degustar fechava os olhos de prazer de tão gostoso que era o sabor. Parecia até que os anjinhos caminhavam no céu da boca de Ciço,

tal qual era a sensação de prazer. Os olhos de Luzia brilhavam, a boca enchia d'água, a mão quase se esticou até o doce que tava na mão que não era a dela, bem próximo a boca de dele. Luzia se inquietou...

'Oxe, tentação da gota! Logo os dois juntin!!!'

Luzia não fez cerimônia e ao invés de pegar com a mão, levou sua boca pra junto do doce de Ciço, que nesse momento já ia em direção da boca dele. Na difusora de Luiz Marcelino, Maciel Melo cantava *'Se tu quisser'*, a música do poeta Xico Bizerra, na barraca, o povo comprava e pagava, no calor do meio do mercado, a boca de Luzia, entreaberta se juntava à boca doce de Ciço...

O mundo escureceu, era o toque dos lábios.

O som, todo som fugiu. Como se o volume do mundo fosse reduzido a zero.

Ciço quase caiu. Não soube reagir

Luzia não acreditava que tinha feito aquilo e já que tinha feito ficou agoniada por ter sido tão pouquinho...

Grudaram-se por menos de 10 segundos.

Ficaram olhando um pro outro.

Voltaram em silêncio para a Macaxeira. Ciço ficou na entrada da casa dele, negou o convite de Zé Vando para almoçar. Ciço não sentia fome. Ciço não sentia sede, Ciço protegia aquele momento de qualquer tentativa de esquecimento (como se fora possível).

Ciço estava extasiado.

Dentro da cabine do caminhão Chevrolet, entre Zé Vando e Dona Judith, Luzia continuava estática, quase estátua, até que sua mão direita tocou seus lábios, e sentiu o tremor na espinha, nas pernas, nos joelhos, sentiu também analgesia... ouviu a respiração de Ciço, ouviu o coração dela no compasso do dele, passou a língua nos lábios e sorriu sutilmente...

'Eita gota! Tem gosto de goiaba!'



Glossário

Beradêra: Matuta

Adonde: aonde

Fêra: feira

Malamaiada: mal vestida

Agoiabado: da cor de goiaba

Doeno: Doendo

Isperano: esperando

Arribar: subir

Már: Mas

Ramu simbora: Vamos embora

Astrasa: atrasa

Boin dia: Bom Dia

Incomendar: encomendar

Vêi: Veio

Tijolo de goiaba: Barra de doce de Goiaba

Eu sozin cum Luzia: Eu sozinho com Luzia

Bixiga: Em grande intensidade.

‘Bodega de Gamenon’

(da vez que ele tava pensativo)

Pá!

A batida seca no balcão denunciava um copo recém-esvaziado.

Denunciava mais que isso. Avisava que ali naquela bodega, naquele lugar havia um homem indignado com a sorte que a vida lhe reservou.

- Apô, néqui o pai de Crarinha tem dois sitiozin e num deu nenhum pra nós cuidá...

Galego Galdino, escorado num saco de farelo, não percebia que escorria do canto de sua boca um pouco da cachaça sorvida com tanta valentia. Esbravejava e fitava o amigo como se tivesse pedindo explicação. Ciço, alheio aos comentários, observava a vitrina do balcão, onde repousava bolos, pães adormecidos, abelhas maravilhosamente presas se preocupando tão-somente com o açúcar do pão doce.

- Bote ôta Gamenon, passe a paiêta!!!

- Danou-se galego, tome tento, tu num vai ficá bêbo na minha bodega não visse?

- Se acarme Gamenon, inda tenho qui pegá o gado qui ta na várzea, só tô ispaireceno...

E voltou a fitar a rua inerte daquele domingo de Zabelê. Lá fora com um sol já incomodando, Tutano, o burro da fazenda e que serve a Galdino, come vargens despencadas de uma algaroba e de vez em quando levanta a cabeça, talvez em busca do seu dono.

Cição parecia que ainda não tinha chegado à bodega de Agamenon.

- *Oxe Cição! Qui mulesta tu tem homi, ta calado qui só a gota! Tá doente é? Espia Gamenon, espia!!!*

Agamenon olhou com mais atenção.

- *Cição, ô Cição?*

Nada.

Agamenon insistiu, apoiado por Galdino.

- *Cição, ô Cição... tá môco condenado!*

Cição não ouvia. O mundo em que estava era a prova de som. Blindado para barulho que não viesse do seu sonho...

Outra vez Galdino tomou de uma vez só o copo de cachaça, limpou a boca com as costas da mão, fez uma careta.

- *Eita!*

Chico Lobo, jornalista dos bons e que mora entre Cabaceiras e Monteiro tava de passagem por Zabelê, e conhecedor de quase todo mundo, entrou na bodega

acenou pros amigos e se juntou a Agamenon e Galdino que juntos olhavam pra Ciço, um pouco afastado deles.

- *Dia Gamenon. Dia galego Galdino...*

- *Dia.*

- *Oxe, o qui danado Ciço tem, ta acolá todo ismulecido...*

- *Seio não jornalista, derna qu' êle chegô aqui, ta desconfiado, caladin, num diz nadica, será quié papeira?*

Chico Lobo franziu a testa, endureceu o olhar e disse:

- *É nada, eu resolvo o problema, qué vê?*

Deu as costas pra Ciço e falou em voz bastante alta e grave:

- *Oxe, galego Galdino, aquilo acolá né Dona Judith e Luzia?*

Ciço deu sobressalto e olhou rapidamente pra fora, saindo até a calçada...

- *Cadê? Adonde?*

Procurou por tudo onde não havia nada.

Agamenon limpou outro copo, pegou a garrafa de cachaça e abasteceu os dois fregueses, que riam baixinho.

Depois o silêncio.

Cição suspirou fundo, na porta da bodega e sem se virar falou alto:

- Ô Gamenon, bota uma pra eu!!!



Glossário

Néquí: Não é que

Passe a paiêta: Passe a palheta, encha o copo

Espaireceno: Espairecendo, distraindo

Tá môco: tá surdo

Nadica: nadinha

‘ In Riba da Péda ’

(da vez que ela tava pensativa)

Havia, na fazenda Macaxeira, uma pedra alta, que lá de cima e nem precisava ficar em pé, avistava-se toda Serra de Santa Catarina, todo pedaço de Pernambuco que se mostrava por ali e se virando devagar a vista alcançava o tanto de Paraíba que se tinha por acolá.

Não era tão alta quanto a Pedra de Santo Antônio, de Fagundes, mas era alta sim. Toda vez que Luzia subia ali, para olhar o horizonte, sentia frio fosse a hora que fosse. Aquela pedra era como se fosse um refúgio, um cantinho da sala, e como se fosse, era seu quarto de dormir tal qual era a dose de silêncio que ela precisava para buscar respostas ou formular perguntas sobre o que bem lhe entendesse. Era o cantinho do pensamento.

Naquela hora, sentada, as pernas em borboleta, o vento assanhando o cabelo negro, os olhos de Luzia enxergavam somente as palavras que Ciço lhe dirigia todas as vezes e todo fim de frase findava naquele beijo com gosto de goiaba.

Luzia apaixonada.

Luzia mais apaixonada.

*Mais adonde ta meu querê
qui toda noitinha véve mais eu*

*no oitão, nas ceicas, nas cancelas
adonde de ta meu querê buliçoso?*

*Dessa natureza de querê qui queima feito brasa
qui aperreia meu juízo, qui véve atrapaiano meus
afazê*

*dirrubando o bule, as lata d'água, os comê, isque-
ceno de barrer o terreiro, deixano o leite escorrê na
panela já felvido e inté de drumir dereito.*

dessa qualidade de querê, eu quiria agora, mais eu...'

Agora ela entendia que para o querer acontecer, tinha mais que querer, era necessário depois que descesse da pedra, buscar o querer e tirar do meio dos dois todo esse tempo que faz o desejo acontecer por dentro. Despir o desejo.

Do alto da pedra que nem nome tem, Luzia agora buscava a silhueta da lua, olhando pra cima, naquele céu azulzinho, claro dia, ela apertou os olhinhos e viu, entre nuvens disfarçadas de animais o rabisco de uma lua quarto minguante, então desfez a posição borboleta, escorou seu rosto no joelho, abraçou as pernas e manteve os olhos no alto, mais alto que a pedra e tornou a se procurar...

*'Era tudo qui eu quiria. Outro encontro!
depois du fim da labuta, lá pelas zora da Ave Maria
cuano dadonde ele vem, traiz um chêro de aifazema
traiz tombem, purriba dele um oiá de sôdade*

*Naquela bendita zora, na porta da tapera
Eu tamem ispio a lua qui pratea o roçado, os pé de
imbu e os mocó, qui pratea a vontade d'eu e dele
Qui pérta os peito da gente
Qui os coração dá um sarto
Qui os dois se istremece
E a lua se foimando
Apadrinhano nosso amô.
Eita qui visage!'*

O sorriso de lua parecia fazer reflexo.

O sol que clareava a pedra, já mostrava Luzia que de longe, lá debaixo, só dava pra ver um brilho, uma faísca de luz. Quem olhava para cima se ofuscava com a luz do sol, mas percebia um brilho, feito estrela acesa se envolvendo com o dia.

Ciço, escorou-se na enxada e lá debaixo, viu um clarão vindo daquela pedra alta e longe, tentou fixar o olhar, limpou o suor da testa e quase definiu...

' ta cá gota, inté parece o brío do amô'



Glossário

- Adonde:** Aonde
Felvido: Fervido
Véve: Vive
Oitão: Cada uma das paredes laterais da casa
Ceicas: Cercas
Cancelas: Porteiras
Buliçoso: Que bole ou se move sem parar; agitado, movediço
Aperrêa: Aperrear
Atrapaiano: Atrapalhando
Afazê: afazeres
Dirrubando: Derrubando
'Isqueceno de barrer o terreiro: Esquecendo de varrer a frente da casa
Encronto: Encontro
Labuta: Trabalho
'Lá pelas zora da Ave Maria': Por volta das 6 horas da noite
Cuano: Quando
Aifazema: Alfazema, lavanda
'Purriba dele um oiá de sôdade': Por cima dele um olhar de saudade
Tamem pratea: também pratea
Pérta: Aperta
Sarto: Salto
Istremece: estremece
Foimando: Formando
Visage: Visagem
Brío: Brilho

Zé Vando e Dona Judith

(da vez que Luzia ia nascer)

Não foi por falta de reza que faltaram mais filhos na vida de Zé Vando e Judith. Casados desde os 21 (ele) e 17 (ela) eles tentavam todo ano e somente quando Judith alcançou os 26 anos é que ela conseguiu engravidar.

O Cariri virou festa tal qual era a alegria de José Rosevando Teixeira, já próspero fazendeiro, herdeiro da Macaxeira, terra boa de mais de 5 mil hectares, com uma barragem grande e uma várzea fértil, mas que também tinha uma caatinga difícil até de andar. Escolhera morar na fazenda com sua esposa Judith Melo e o anúncio de sua gravidez foi motivo de três dias de festa e muito barulho de Zabelê (distrito de São Sebastião do Umbuzeiro) até Monteiro. Em cada bodega, cada barraca, cada bar ou cada caminhão de feirante, a conversa era uma só. O *bucho* de Judith. O filho de Zé Vando.

Acreditavam eles que para chegarem a esse momento, foi preciso cada palavra doada a cada oração oferecida a Frei Damião, Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores. Nenhuma reza foi dispensada.

Nos salões de sinuca, apostas se alastravam e eram das mais variadas:

‘- *Aposto qui vai sê homi. Caba macho e o nome vai ser Damião!*

- *Oxe, ficou bêbo cum crush foi? O homi tem um fio e num butá o nome dele? Quem já se viu? Vai se chamar Zévandin!*

Era assim pelo Cariri adentro.

Pelo lado feminino não havia apostas. Havia certas adquiridas das formas mais tradicionais possíveis. Guiomar, vizinha de Gilza, mãe de Judith disse:

- *Cumade leve Judith pra cozinha qui ô vou descobrí o quêsse bruguelo vai sê homi ou mulé.*

Logo que saíram da sala, Guiomar foi ao sofá levantou duas almofadas, embaixo de uma colocou uma colher e embaixo da outra um garfo.

- *Pronto, se ela se assentá in riba da armofada qui tem a cuié, vai sê mulé, se for na ôta, vai sê homi. Se ache-gue cumade, traga Judith.*

Chegaram as duas à sala, mas antes dela sentar, Zé Vando entrou na casa bem ligeiro:

- *Ramu simbora muié, qui a estrada ta um breu danado.*

E foram embora sem Guiomar ter a certeza qual o sexo da criança, mas disfarçou e disse para a sua comadre Gilza:

- *Cumade, ela ia sentá naquela aculá, arriba pra tu vê o quié!*

Gilza pacientemente foi lá e levantou a almofada...

- *Um gaifo! Eita vamu tê um varaozin na famia.*

Seis meses depois, Luzia acordava o Sandu de Monteiro com seu choro estridente e faminto.

Depois de Luzia, Zé Vando e Judith tentaram chegar à casa dos 9, que era um sonho para o casal, mas não passaram da única filha.

Zé Vando e Judith se entendiam até mesmo no silêncio. Era tanta a simetria que eles conheciam até o mastigado um do outro.

- *Zé? Tu ta rimueno arto dimais, é chaiqui é?*

- *E num é? É um taquin só...*

Eram felizes como se propuseram e agora, já depois da janta, enquanto os grilos regiam suas sinfonias, preocupavam-se com o futuro de Luzia.

- *Minha minina ta crescono, já virou mulé, né Judith?*

- *E apô. Daqui uns dia chega um caba nesse batente pidino a mão dela...*

- *Tem qui sê um caba trabaiadô, respeitadô...*

- *É Zé e qui traga frôr pra ela todo dia*

- *Judith, tu se alembra quano eu ajuntei aquele cacho de frô?*

Judith riu e se devolveu ao passado. Zé cutucou.

- *Qui quano tu fosse arrecebê, deu um ridimuín qui a barra da tua saia se arribô e tu ficou vremêia qui nem colorá e cuma o ridimuín, tu se arritirou-se?*

-*E num me alembro não?*

Oxe!!

Riam.

- *E teve davez qui tu vêi falá cum pai, prumode nós namorá, qui mãe nun deixava ai tu foi incrontá pai lá no roçado, aí mãe tava de costas e tu achano qui era pai, dixe:*

‘ Oíe seu João, sua muié é muito braba már pelo amor de Judith, eu ispanto tristeza, gunia e quaiqué zuada.’

Mãe se virô e diche: ‘ Arrespeite seu caba!’

Tu desse uma carrêra tão miserávi de grande qui inté as precata tu deixô no roçado.

Riram mais ainda e tocaram suas mãos, como antigamente.

- *Apôï Judith, se o caba tivé mermo amô pela nossa fia eu primito o namoro...*

- *E tem qui tê os cacho de frôr Zé...*

Zé Vando coçou o queixo e confirmou.

-*É, as frôr tem qui tê.*

Luzia encostada na janela e ouvindo toda nostalgia dos pais, já queria que o dia amanhecesse, para que Ciço plantasse, regasse e colhesse um jardim na frente do quarto dela.

' eu quero bugari'



Glossário

Bebo: Bêbado

Crush: Antigo refrigerante com sabor de laranja

Assentar: Sentar

Cuié: Colher

Ôta: Outra

Achegue: Aproxime

Breu: Escuro.

Aculá: Acolá

Gaifo: Garfo

Varaozin: Indivíduo do sexo masculino

Rimueno: Remoendo

Arto: Alto

Chaiqui: Charque

Taquin: Tantinho

Ridimuin: Redemoinho

Vremêia: Vermelha

Colorá: Colorau

Incrontar: Encontrar

Precata: Alpercata

Primito: Permito

Bugari: Tipo de flor

Bruguelo: Criança

Os Filhotes de Sabida

(da vez que a casa de Ciço encheu)

Na cozinha da casa de Ciço, Sabida tava deitada no canto de parede, bem perto do pote.

- Tadinha da bichinha, num podia vê um caçote já tava dano o bote, agora taí, laigada e buchuda in riba dessa caixa de papelão...'

O comentário de Ciço era acompanhado pelo olhar pidão e agoniado da cadela já prestes a parir, como se pedisse auxílio.

- Oie Ciço, ela já arranhô as parede da casa todinha, caçano canto pra parí, é mió butá ela no mato sinão vai tê os cachorrin tudin dibaixo di minha cama e eu sô uma véia, num vô guentá choradêra, cachorro cum chororô a noite todinha...

- Se avexe não Tiana. Vou butá ela lá na sala. Se eu butá ela no mato os guará come os fiotin dela...

Tiana resmungou algo inaudível e foi tirar a panela de barro que esquentava o feijão em cima do fogão de lenha. Ciço continuou afagando a sua cadela amiga.

- Tiana, apôï uma semana dessa, era qualta, já pertin do mei dia, quano tava vortano da lida, Sabida acuou um bicho!

Ciço se levantou e começou a usar as mãos...

- *Um bicho qui pela zuada de Sabida, era ferói. Pelo acuamento da danada inté pensei qui fosse uma duza dessa qualidade de animá, vortei treis passo laigo, Sabida se atirô na frente, procurei um xêxo na rodage, só tinha xerem...*

Tiana colocou o feijão na mesa e prestou atenção na estória...

- *Eu lá, cum os zóio isbugaiado e Sabida se meteno no mei do mato e fazeno barui, pr'onde eu me virasse, o medo virava tombem. Vigiii, me ripiei todin...*

Tiana alertou:

- *Ciço num conta essas istóra depois da Ave Maria não visse? sinão num drumo!!*

Ciço continuou:

- *E sabida acuano e eu té qui fim achei um cacete, segurei cum folça e gritei, mais arto qui os latido de sabida: Quentaí?*

Sabida se calô.

Eu diche de novo mai brabo ainda: Quentaí?

Um sussego da gota. Aí Tiana, Sabida sintiu o che-gante e se danô no meio do mato, paricia um calango cego da gôta sem pará um tiquin só, eu qui num sô besta, isperei do ôto lado da rodage, aí lá vem Sabida cum socó pindurado na boca e ainda um teju, um fiote de preá e um rabo de peba...

- Oxente Ciço, issé uma boca ou um borná? Mintira da gota!!! Nan, bora armoçá.

Almoçaram em silêncio e logo a noite chegou, na rede se balançando Ciço não ouviu os gemidos, os apelos de Sabida, mas ao acordar quando ainda não tinha a luz do dia, deparou-se com um cheiro forte e com os mais novos habitantes da casa, deitados por sobre panos e a própria cadela, seis filhotes. Ciço, com um sorriso sonolento, deu as boas-vindas aos novos moradores e agachando, acariciou a amiga, que nem forças para olhá-lo, teve:

- Sabida teje sabenu qui o mais escurin é de Luzia visse? Qui ela já tinha pidido. Seje macho, seje fême.

Sabida não estava interessada. Exausta, fechou os olhos e buscou repouso.



Glossário

Caçote: Rã

Caçando canto: Procurando canto

Guará: Mamífero carnívoro

Ferói: Feroz

Duza: Dúzia

Voltei três passo laigo: Voltei três passos largos

Na rodage só tinha xerem: Na estrada só tinha pedrinhas...

Os zóio isbugaiado: Os olhos esbugalhados

Pr'onde: Pra onde

Arto: Alto

Quentaí: Quem tá aí?

Chegante: Aquele que está se aproximando.

Parícia: parecia

Socó: Ave que se alimenta de peixes

Teju: Lagarto comestível

Preá: Mamífero roedor

Péba: Tatupeba, Mamífero desdentado.

Borná: Bernal. Saco de pano, couro

Barui: Barulho

Ripiei: Arrepiei

Teje: Esteja

Seje: Seja

Acuano: Acuando

O Encontro

(da vez que a cantiga ninava o querer)

Passou a madrugada todinha serenando. No rádio, uma cantiga que acompanhava a solidão e que saía de Arcoverde, era uma música de Ilmar Cavalcante.

Era uma cama quente, colchão de mola, cobertas suficientes pra espantar o frio, quase nada para aquecer um coração doidinho por dengo. Um frio, a luz do candeeiro criando imagens estranhas na parede, de vez em quando assustando os olhos pretinhos de Luzia que aquecida, sentia a falta da proteção...

‘ Seu rei mandô dizê qui a sombra truvesse Ciço pra junto d’eu... pra mode de quê essa sardade num seja tão matadêra, qui rouba os sono das pessoa, qui nem reza-dêra arresolve! Seu Rei mandô...’

E ria e queria acreditar que sim, a sombra obedeceria ao ‘ Seu Rei’.

Em outro canto da mesma Macaxeira, a cena era pouco modificada. Era uma rede com o torno rangendo, os punhos bem esticados, seis cachorrinhos em sinfonia tentavam interagir com a cantiga que saía do rádio, que chiava e denunciava o sereno daquela madrugada, Ciço sentia calor, mas não se atrevia a sair de debaixo dos lençóis...

‘ Oxe, fri da gota! Num fosse os pensá in Luzia, num fosse aquele beijo no mei do meicado. Num fosse a água de fulô qui escorria do sorriso dela, num fosse uma ceica

*feita todinha de cancela arta, inda agora eu ia me aninhá
dibaixo da janela dela pra mode me esquentá somente
cum pensá dela...'*

Ele achava que estando mais perto dela, ela pensaria nele, e isso o confortava.

Igual a cada um, o rádio não estava ao alcance das mãos, mas na mesma estação: Rádio Cardeal Am, frequência de 600 khtz, direto de Arcoverde, Pernambuco e dela saíam as letras que os dois queriam ouvir e dizer naquele momento.

Luzia ria...

'oxe, inté parece qui contaro a esse homi d'eu e Ciço?'

A letra da canção de Ilmar Cavalcante era direta:

“Tenho um segredo guardado no coração

Uma paixão que não conto pra ninguém

Eu posso até me acabar na solidão

Mas só quem sabe é o amor, eu e meu bem...”

Ciço imaginava...

*'inté parece um sonho, tanta buniteza e tanta formu-
sura inchiqueirada numa mulé só e ela gosta d'eu!'*

Era como se fosse telepatia, era como se não houvesse o espaço, era como se as casas estivessem, também, de mãos dadas.

De um lado, Luzia no seu quarto ouvia e queria Ciço. No outro lado, Ciço deitado na rede, na sala da casa dele,

a quase uma légua de distância, sentia e queria Luzia e os dois nem se importavam com o cantor se *'esgue-lando'* e rompendo a madrugada fria do Cariri.

A canção de Ilmar e de Efigênio, na voz de Osmando Silva ecoava pelas ondas da Cardeal AM...

“Sonho com ela me amando a noite inteira
De manhãzinha a solidão vem me abraçar
Esse romance parece até brincadeira
E qualquer dia a gente vai se ajeitar”

Ciço levantou-se da rede, Sabida levantou a cabeça, os filhotes aproveitaram para trocarem de posição, Tiana roncou. Ciço enrolado no lençol se aproximou do rádio e ficou quietinho, prestando atenção no que dizia a letra do poeta Ilmar e comentou:

'Esse homi inté parece qui conhece eu e Luzia!'

Luzia, quase que ao mesmo tempo sentou-se na beirada da cama. Ajeitou seu casaco de crochê, ouviu o pai resmungando algo, a mãe ressonando alto, lá do fim da casa, Jesuína não fazia barulho. Mirou a luz do candeiro, foi ao encontro dela e logo após chegou junto ao rádio, ficou bem quietinha, prestando atenção no que dizia a letra de Ilmar Cavalcante...

'Cuma pode um sujeito lá da caixa bozó ta tão dento de nós?'

Na mesma hora.

Na mesma estação.

A mesma música, a mesma emoção.

Até que o locutor anunciou a hora e acabou o encontro:

‘ *Em Arcoverde- Perrrrrrrrrrrrnambuco, 3 e 18 da madrugada...*”

* Nesse capítulo, houve a citação da música: ***Não Conto Pra Ninguém***, de autoria de Ilmar Cavalcante e de Efigênio Moura. Os autores autorizaram o uso da letra.



Glossário

Truvesse: Trouxesse

Sardade: Saudade

Num seje tão matadêra: Não seja tão matadora

Qui nem rezadêra arresolve: Que nem rezadeira resolve

Fri: Frio

No mei da fêra: No meio da feira

Água da fulo: Água de colônia, perfume

Surriso: Sorriso

Cancela: Porteira

Qui se assobe uma in riba da ôta: Que sobe em cima da outra

Drumir: Dormir

Pra ninguém sartar: Pra ninguém saltar

Si num fosse uma ceica: se não fosse uma cerca

Arta: Alta

Dibaixo: Debaixo

Buniteza: Boniteza

Inchiqueirada: Enchiqueirada, colocar dentro do chiqueiro, prender.

Contaro: contaram

Esguelando: gritando

Dias de Lua

(da vez que ela tava naqueles dias)

Por ser mulher, a lua tem suas fases.

Tinha dias que Luzia nem suportava a si mesma. Era como se tivesse dias de lua.

Tinha dias que ela se fazia não suportar e da forma mais agressiva afastava quase todos que estivessem próximo a ela. Ciço não entendia e sofria.

Luzia, nesses tempos, ficava nervosa, irritada sem motivos significativos e ao mesmo tempo sentia dores de cabeça, dores musculares e sensibilidade mamária.

Era quando Luzia atingia o fim do ciclo menstrual.

- *Agonia da gota! Inté parece qui ingôdei uns 30 kilo, eita qui vestido arrochado da mulesta, nan...*

- *A minina Luzia ta num abuso da fébi, Bia!!!*

Alertou Jesuína.

- *Vigee Jesuína de Deus, ela deve de ta naqueles dias!!!*

Lembrou-se Dona Judith.

- *Oxe mainha! Oxe Vó Ina! Carece de falar arto não, inté os grilo e os calango agora tudin vão sabê dos meus segredo!!! Povo faladô da gota!*

Luzia não percebia que os ciclos menstruais das mulheres são alinhados com os da Lua. A mulher ovula na Lua Cheia e menstrua na Lua Escura. A Lua Cheia é o ápice do ciclo da criação, é quando o óvulo é liberado. Nos 14 dias que antecedem esta liberação, as energias da criação reúnem tudo que é necessário para constituir o óvulo. Quando passa a Lua Cheia e o óvulo não é fertilizado, torna-se maduro demais e vai se decompor, derramando-se no fluxo natural de sangue na Lua Escura. Quando a mulher vive em perfeita harmonia com a Terra, ela só sangra os três dias da Lua Escura. Quando a Lua Nova emerge, seu fluxo naturalmente deve cessar e o ciclo da criação é reiniciado dentro dela.

É essa a situação de hoje em Luzia.

Luzia menstruou.

Havia algumas lendas com referências nessa fase da mulher.

- *Gádino?*

- *O quié Ciço?*

- *Tu já topô cum mulé 'doente'?*

- *E num já?*

- *Oxe homi, num falo de tua mulé não, era quano tu inda era sortero!!!*

- Já Ciço, uma veize eu tinha levado um baque da mulesta pertin de Sertânia, ai fiquei cum cada lapa de pereba no braço qui só tu veno, e, num curava não, visse?

Aí D. Bastiana qui era partêra, danou pó de fumo in riba das firidas, qui era pra doê um tiquin só, adispois ela butô inprasto cum farinha de mandioca qui era pru pus sair e nada de miorá!!!

Ciço atento.

- E tome reza, tome fumo, tome farinha e nada, eu cum medo da gota, o braço véi apudecendo...

- Valei meu Padin Ciço!!!

Ciço assustado.

- Sabe praque num ficava bom?

- Seio não, diga logo!

- Oxe, Rolinha Maquiada, a prima de Elizabeth, qui pinta as zunha das mulé, num tava doente? E num tava no mermo canto pintano as zunha de mãe?

- Eita gota!!!

- Apôi quano Dona Bastiana se alembrô, butô Rolinha Maquiada pra fora da casa e adispois a mulé fez uma oração e eu fiquei bonzin...

- Tá cá gota Galego...

- E tu Ciço?

- Oie, in Zabelê eu ia lá pra budegá de Agamenon quando me incrontei cum Zé Golado, nós ia caminhano ai uma mulé passô no mei de nós, nós se afastemo e fumo pra budegá. No ôto dia eu subi qui Zé Golado tinha morrido impapado.

- Eita bixiga Ciço, impapado?

- Foi Galego, már tu sabe prunque?

- prunque cumeu vaca atolada de noite?

- Não Pedro Bó! A mulé qui passô no mei de nós tava no finá da doença...

Galego Galdino fez o sinal da cruz.

** *

As mudanças que aconteciam em Luzia sempre pegavam de surpresa as intenções de Ciço. Houve uma vez que ao tentar se aproximar dela numa época igual a essa, Luzia foi rude:

' Tu é besta Ciço, num se astreva a assuntá as coisas de mulé, oxe, puracaso ô mim meto nas tuas coisa? Nos teu pobrema? Vá simbora homi! Vá cuidá de sua lida!!!

Isso fazia com que Ciço ficasse triste e cabisbaixo.

Poucos dias depois, quando voltava a alegria dela, Ciço esquecia-se das palavras amargas e observava, fitando o céu estrelado do Cariri, a mudança de lua, sem perceber que o humor de sua Luzia estava atrelado, de alguma forma, a esse ciclo lunar:

‘ na lua qui vai crescê, vô levá Sabida pra pegá um péba, tratá o bicho e cumê cum Luzia e os pessoá.’

Pensou alto Ciço, deitado na sua rede, a janela aberta, Tiana ouvindo a Voz do Brasil, Sabida tomando água, a luz do candeeiro ainda viçosa...



Glossário

Ingôdei: Engordei

Abuso da febre: Abuso danado

Ta naqueles dias: Tá menstruada

Arto: Alto

Topô: Topou, encontrou

Mulé ‘doente’: Mulher menstruada

Levado um baque: Sofrido uma queda

Cada lapa de pereba: Cada ferida grande

In riba das firidas: Em cima das feridas

Tiquin: Pouquinho

Emprasto: Emplastro, Medicamento que amolece ao calor e adere ao corpo

Zunha das mulé: Unha das mulheres

Impapado. Empapado, cheio

Astreva: Atreva

Assuntar: Prestar atenção.

Péba: Mamífero desdentado, tatu, tatupeba

O Bezerro Fujão

(da vez que o menino sabia demais)

Duas horas e outros minutos da madrugada.

Dilermando, o filho mais velho de Galdino foi quem primeiro escutou o mugido vindo de tão distante. Levantou-se apressado e correu até o quarto do pai, que era vizinho a cozinha...

- Pai, pai, escuita, ói tem um bicho berrano lá no mato, inté parece um bezerro fujão!

Galdino dormia profundamente, ao ouvir o chamado do filho se remexeu, Ana Clara, por instinto também acordou, sentou-se e viu Dilermando ao pé da cama, aceso e com os olhos buscando resposta, aguardando uma definição do pai.

- Tôco, vorte pra rede, qui seu pai já vai vê o quié, vorte vá!!!

Ordenou Ana.

- Deixe eu ir tombem pai? Caçá o bezerro fujão!!!

Galdino acordou, mas não respondeu. Pigarreou, coçou a cabeça, segurou no candeeiro, buscou a calça em cima de uma cadeira, vestiu-a e, sonolento, quase tropeça em Dilermando (Tôco) ainda em pé esperando o sinal positivo do pai.

- Bora!

O menino saiu em disparada e foi pegar algo que combatesse o frio que fazia lá fora.

Os mugidos continuavam.

- Pru donde danado esse bezerro fugiu, oxe, num pode ficá apartado não é?

Depois de selar o cavalo e puxá-lo para fora da baía, Galdino montou e pegou seu filho, colocou-o na garupa...

- Oie Tôquin, quem vai pegá o bicho é tu pra mode tu ir se acostumano cá lida..

- Pégo pai.

- Hen, hen qui côrralinda, meu fiin.

Era pai orgulhoso.

O trajeto escuro não era empecilho pra Galdino, vaqueiro experiente conhecia cada pedaço de chão daquela Macaxeira. Galdino até que era um vaqueiro mais de vida do que de gado, tangendo em suas linhas as situações que atravessassem seu destino, em muita das vezes, adversas.

Havia uma paz, uma sequência calma em seu trajeto. Zé Vando ao contratá-lo para ser vaqueiro, possibilitara a Galdino a estabilidade que ele buscava desde o incidente de Sertânia. Agora junto a sua família (esposa e

três filhos homens), ele já começava a aquietar o futuro e correr atrás de bezerro fujão, mesmo naquele breu, era de uma satisfação só.

Galego Galdino, imaginando uma aposentadoria, aceitou o pedido de Dilermando, o Tôco, filho mais velho dos três. Era a oportunidade de mostrar, de ensinar como capturar animais dispersos do rebanho. Tôco já tinha 8 anos.

'Os fio tem de tumá tenença e vê cuma os mai véi faizi'

O vento frio açoitava as costas de Dilermando, ele agarrado a cintura do pai não reclamava, mas observava a escuridão, aprendia com a escuridão, definia objetos existentes do imaginário. A madrugada era invadida pelos cascos do cavalo de Galdino, era o silêncio pisoteado, era o frio sendo cavalgado por pai e filho, como se fossem, naquele tempo, ferozes cavaleiros medievais.

Nesse momento, Dilermando conseguiu separar um vulto da escuridão...

- Pia pai, o bicho ta acolá

Apontando para a casa de Margarida, na curva da estrada, Galdino buscou a imagem...

- Tô veno o peste, se assegure!!!

Apertou as ancas do cavalo, fazendo-o sair em disparada, o bezerro já estava assustado e pôs-se a correr,

era uma peleja danada, mas o cavalo, bem mais experiente, dosou sua velocidade e pelas mãos do vaqueiro conseguiu antecipar o destino do bezerro, que era uma porteira entreaberta e que daria acesso a várzea, lá perto da casa de Ciço.

Dava até pra ouvir os latidos de Sabida.

Acuado, o bezerro passou a fingir que buscava pasto e mesmo ainda atônito, Galdino desceu o filho do cavalo e o entregou a corda, Dilermando se aproximou do bezerro e, enquanto o acarinhava, rezava agradecendo a vitória e ia conquistando a confiança do animal. Colocou a corda em seu pescoço e o puxou para perto de si.

De cima do cavalo, o pai realizado estendeu a mão para que o filho voltasse a garupa.

Com o bezerro amarrado à sela e sem pressa, Galdino puxou conversa com Dilermando e foi rumando de volta pra casa...

- *Tôco, tu ta veno aquela casa acolá?*

- *Tô pai.*

- *Apôí lá é qui véve Ciço.*

- *Ciço de Luzia?*

- *Oxe minino, qui conversa é essa?*

- *Oxe pai, todo mundo sabe que Ciço é arriado pro Luzia*

O pai sabia. Mas fez que não sabia.

-E é, é?

-E num é?

-E o qui tu sabe dessa istóra minino?

- Seio nada não, só seio qui Luzia um dia mandô eu intregar uma frôr e um recado pra Ciço, lá no roçado...

- E foi, foi?

- Foi.

Silêncio.

Quando chegaram em frente ao curral, o filho perguntou:

- ô pai, será qui seu Zé deixa Ciço casá cum Luzia?

- Sei não, praquê?

- Praquê Ciço diche qui se ele num ôtorizasse, ele carregava Luzia...

Estavam quase defronte ao curral, Galdino olhou assustado pra casa escura de Zé Vando e desconversou:

- Vá buská o banquin pra mode tirá o leite mai zêu...



Glossário

Escuita: Escuta

Caçar o bezerro fujão: Pegar o bezerro fujão

Bora: Vamos

Ficar apartado: Ficar separado

Pra mode tu ir se acostumano cá lida: Pra você ir se acostumando com o trabalho

Corrálinda meu fiin: Coisa linda, meu filhinho

Tomar tenença: Observar prudentemente; tomar tento de; assuntar.

Veno: Vendo

Véve: Vive

Arriado: Apaixonado

Istóra: Estória

Ôtorizasse: Autorizasse

Carregava Luzia: Roubava Luzia

Banquin: Banquinho

Rolinha Maquiada

(da vez que a moça desconfiou)

Dona Judith se apressou logo, nem sequer tirou o cochilo costumeiro após o almoço, cuidou de organizar a cozinha e liberou Luzia para outros afazeres.

Hoje era dia de faxina pessoal. A cada última sexta-feira de todo mês, Lourdes, filha de Joca Sorveteiro vinha a Macaxeira, diretamente de Zabelê pra fazer as unhas das mulheres do lugar.

Lourdes era gordinha, baixinha e usava trajes muito discretos, gostava sempre de usar um vestido marrom, que de longe não havia como distinguir curva nenhuma, devia ser pelo fato de não as possuir.

Por vontade, usava as mais extravagantes maquiagens e esperava elogios que nunca vinham.

Não havia beleza ali.

Havia o talento de manicure e Lourdes era requisitada até em Sumé, foi lá que ela recebeu o apelido que odiava. Devido a sua estatura e a química que sempre usava no rosto, os meninos começaram a chamá-la de *ROLINHA MAQUIADA*, claro que ela odiou, principalmente depois que os ventos e os carros de feira levaram pra Monteiro e região essa alcunha tão detestada.

O tempo passou e não havia como Lourdes se livrar da gozação, vingava-se em pratos e pratos de cus-cuz com bode, xerém com galinha, buchadas e todo e qualquer tipo de comida ‘carregada’. O resultado foi a manutenção do perfil e claro, do apelido.

Isso acontecia desde os 17 anos, hoje ainda solteira e beirando os 30, Lourdes convive com o apelido de forma indigesta e ainda agressiva, tanto que algumas pessoas esquivam dela comentários sobre o apelido.

O tempo que passou, desde aqueles 17 anos, fez com que ela também se especializasse em falar da vida alheia.

Sabia de tudo.

Ouvia tudo.

‘Oie Judith, côidado no qui diz, qui Rolinha Maquiada tem uvido de tubêculoso’

Alertava Jesuína toda última sexta-feira de cada novo mês.

Ela tinha o dom de elastecer qualquer história, qualquer assunto, qualquer cena e sempre a moldava de acordo com seu humor. Triste de qualquer comentário feito perto dela, a propagação era imediata e, em muita das vezes, avassaladora.

Antes de ir à casa de Dona Judith, Lourdes foi fazer as unhas de Margarida.

-Vige Maigarida, inda tenho qui fazer as zunha de Luzia, Dona Judith e de Gardalupe, a mulé do escrivão da coletoria qui, mulé, num ta butano cangaia num homi não?

- Oxe Lurdinha! Cunversa é essa?

- Apôi aquela bichota num me ingana, fui cutucá as zunha dela semana trasada só pra oiá nas fuça dela...

- Lurdinha, deixe di ixagero...

- Maigarida de Deus!!! E a cuipa é minha é? A mulé é casada cum pão daquele e inda laiga chifre no coitado, eu tinha mermo era qui espiá a corage qui ela tem...

- Vamo falar dôta coisa Lurdinha...

- To falano não Maigarida, to só comentano, só comentano...

Precisava dizer mais nada não.

Guadalupe era prima de Margarida. Casada com Rubin da Coletoria há menos de um ano...

- Danado qui se imbuchá ninguém sabe di quem é, né?

- Oxe, Lurdinha, mulé! Feche a matraca! Pare de inticá os ôto!

Agora só se ouvia o chiado da serra nas unhas dos pés de Margarida. Passou algum tempo e o silêncio persistiu, até parecia que ela, Lourdinha, concentrar-se-ia no seu trabalho...

- *Mulé e Luzia de Zé Vando vai ficá pro caritó é?*

Religou as baterias Lourdinha.

- *Duvido, bunita e sabida do jeito qui ela é, fica não visse?*

- *Oxe, Maigarida, apô eu ouvi dizê qui Zé Vando só casa ela se for cum dôto foimado in Campina. E os dotô de Campina casa pru lá mermo, Só veno, Luzia num sabi nem adonde é Coxixola!!!*

Era Inveja.

Nesse momento, entra na sala da casa de Margarida, Tôco e Pitôco carregando uma lata vazia...

- *Pai mandô buscá as lavage.*

- *Pode butá as lata lá no muro, minino.*

- *Oxe, é dona Rolinha Maquiada qui taí no cantin é?*

Tôco reconheceu a manicure.

Lourdinha se mexeu e tentou se defender, mas preferiu o silêncio e ignorar a situação.

Margarida mudou o rumo da conversa.

- *Cadê seu pai?*

- *Tá cum Ciço de Luzia no currá, butano mais arame nas ceica*

pro's bezerro num fugí...

Os olhos de Lourdinha brilharam, as orelhas cresceram...

' Oxente! E Luzia tem um Ciço? Oxe, aí tem coisa'

- Ô minino, Ciço de quem?

- Ciço de Luzia, Dona Rolinha...

- Oxente, Ciço de Luzia, e Ciço tem o qui diabo cum Luzia?

- Seio não, só seio qui vou butá a lata lá no muro, pra enchê de lavage pro's bacurin...



Glossário

Côidado: Cuidado

Uvido de tuberculoso: Ouvido apurado, aguçado.

Cangaia: Chifres, traindo

Bichota: Mulher desqualificada

Fuça: Rosto.

Ixagero: Exagero

Cuipa: Culpa

Laiga chifre: Botar chifre, trair

Dôta: De outra

Imbuchar: Engravidar

Feche a matraca: Cale a boca

inticar os ôto: provocar os outros

Lavage: lavagem, restos de comidas com água

Bacurin: Filhotes de suínos

Dia da Padroeira

(da vez de Nossa Senhora das Dores)

Quinze de Setembro. Dia de Nossa Senhora das Dores.

Padroeira de Monteiro.

A cidade fervilhava de emoção, alegria e fé.

No alto-falante da difusora de Luiz Marcelino, a voz de Eudimar Rapôso entoava o hino ofertado a Santa, abaixo dos alto-falantes, centenas de fiéis se debruçavam na esperança de dias melhores e renovavam suas crenças e seus pedidos.

Mais um pouco ao lado, a festa profana era motivada por risos, comilanças, jogos, brinquedos, encontros e desencontros.

Crianças escapuliam dos olhares relaxados das mães...

-Oxe, cadê Miguezín?

- Deixa de ser abestaiada mulé, espia ele acolá, cá maçã apregada nos dentes doidin pra desapregá!!!

Nas barracas de tiro ao alvo, as espingardas de setas com miras viciadas eram disputadas praticamente, aos tapas, por moradores de fazendas em um confronto imaginário com os rapazinhos da cidade...

- *Tú é muito é do errão Cródimar, tu merece é um bufete! Apanhá dum gobira daquele?*

- *Vai se daná Jãozin! Ô quase qui acertei no vidrin...*

Eram vidros vazios de vacinas que escapuliram da vigilância de farmácias e hospitais.

Outros homens tentavam acertar pedaços de tábuas embrulhados com carteiras de cigarros, de longe jogavam argolas e quem conseguisse laçá-las ou levava a carteira de cigarro ou o valor da carteira de cigarro...

- *Taí Gádino, tu qui é fumadô duvido tu laçá aquela de arizona...*

- *Oxe Gamenon, só fumo pacaia, mar vô acunhá naquela de continentá, sem frito!!*

E acertava.

O vai e vem de transeuntes era dinâmico e sempre alguém reclamava, ora do tanto de gente, ora com a fumaça das carnes e galeto sendo assados...

- *Vigi, sufoco da mulesta, ninguém pode nem andá! Fumacêro danado nan...*

Mesmo assim, não buscavam vias tranqüilas.

E os encontros?

Tantos que se desenhavam nas difusoras do parque em forma de 'postal sonoro':

'essa cantiga, um arguem trajano camisa tergal azul natiê e calça escura qui nem uma pareia de jabuticaba, oferece pra Divanira, fia de Pêdo Boca de Suvela e mando dizê qui ta esperano ela lá naquele canto, vizin a casa de Braizin...'

Só se viu um corre-corre danado e um homem com as vestes descritas chegava afobado a cabine de flandres...

"ta bebo locutô da mulesta dos cachorro! Agora todo mundo vai sabê do incronto e o pai dela vai me lascá, disfalça aí, disfalça aí e num diga o nome do pai dela, condenado...'

O locutor, assombrado, tentava desfazer o incidente:

"Tenção Pedin Boca de Suvela, Divanira né a sua fia não viu? É ôta! É Ôta!!!"

E os desencontros?

Fazia tempo que Luzia tentava avistar Ciço. Desde que acabara a missa que ele tinha saído com Ilmar e ela já se incomodava com a demora. Dona Judith também percebeu a ausência de Ciço.

-Luzia?

- Quié mãe?

-Cadê Ciço?

-Seio não, deve de tá incheno o tolé de cana ou se inra-bichano cuma zinha, purái...

E fechava a cara. E Olhava. E era tanta gente. E uma agonia danada invadia o peito dela.

No meio da festa, num banco vestido de pano verde e desenhado por cima desse mesmo pano, seis números e os escudos do Flamengo, do Fluminense e do Corinthians, na ponta do banco, Ciço com o copo na mão arremessava o dado em cima do pano...

- *Vai bozó da gota, dá uma quadra!!!*

Não é que deu?

Ilmar cutucou:

- *Sorte no jogo, azar no amor!*

Ciço se endireitou, pegou o dinheiro do prêmio e saiu apressado, deixando Ilmar já na companhia de Paulo Cabeção rindo e se preparando agora pra jogar.

Perto da Catedral, Luzia não se aguentava de tanta aflição pela ausência de Ciço, pra ela o pior que a demora era a dúvida: - Onde estava, com quem, fazendo o quê?

Pela difusora, aquele locutor anunciava:

“e o próximo postá sonoro, vai pr’aquela minina qui tem o beijo do gosto de goiaba, qui ta trajano vistido fulorado cum babadin de cambraia...Tenção moça, oiça essa cantiga lindra de morrer...”

Luzia enrubesceu e prestou atenção na música que saía pela difusora do parque...

‘Eu não pensei que fosse proibido

Amar de longe e de perto com o mesmo coração

Formosa flor, meu sonho adormecido

Verso perdido, minha inspiração

A poesia me abriu os braços

E eu gostando do compasso

Me abracei com ela

Eu sonhador, poeta-vagabundo

Daria o mundo por um cheiro de Florbela.'

Era Santana enfeitando de alegria a letra de Rangel
Júnior.

Ainda surpresa com a homenagem e comovida pelos versos do poeta de Juazeirinho, já esquecia a aflição da demora e a saudade não teve tempo de crescer porque ao virar-se, Ciço estava bem próximo, de olhar fixo, boca entreaberta e flores na mão...

*- Esse cacho de frôr, Luzia
tem o chêro da vontade,
Tem um cadin de cada manhã
Do sereno qui si faiz sódade
Um cadin de cada pranta qui prantei.
De cada botão qui reguei
truve um tiquin do teu chêrá
arreceba antão esse cacho de frô
Cuma prova de meu zamô!!*

Luzia, toda sem graça, segurando o buquê de flores, diante dos olhares petrificados de Dona Judith e Zé Vando, ficou de lado e se balançando todinha, ainda teve forças pra comentar...

- *Insaiasse foi Ciço?*



Glossário

- Abestaiada:** Abestalhada, abobalhada
Bufete: Tabefe, tapa
Gobira: Efeminado
Vidrin: Vidrinho
Arizona: Marca de cigarro antiga
Pacaia: Fumo de rolo
Continental, sem frito: Continental sem filtro; marca de cigarro antiga
Trajando: Vestindo
Fia: Filha
Disfalça: Disfarça
Incheno o tolé de cana: Embebedando-se
Inrabichado: Enrabichando
enamorar
Zinha: Uma qualquer
Bozó: Dado
Postal sonoro: Música ofertada
Cambraia: Tecido de algodão ou de linho, muito fino.
Cacho de frôr: Conjunto de flores
Umcadin: Um bocadinho
Truve um tiquin: Trouxe um tiquinho

A Cacimba

(da vez que Galdino falou das flores)

Eita minino pra fazr muganga qui só a gota!

Essa era a definição de Ciço para o filho do meio de Galdino, Orlando, que não parava de fazer caretas em cima da carroça que carregava um tonel vazio, no caminhar entre a casa de Ciço e a cacimba.

- Oxi, inté parece qui os calango tem medo dele...

Galdino puxando o Tutano, o burro velho e fiel, deu um tapa de leve na cabeça do menino e seguiram em silêncio. Mas Ciço estava irritado, havia um nervosismo aparente desde as primeiras horas da manhã e isso, o amigo Galdino já observara e, conhecedor das respostas de Ciço, preferiu não comentar nada.

-Tu num acha qui tá demorano demai não , a chegá?

O silêncio da resposta foi quebrado pelos latidos de Sabida, que estava sendo deixada para trás e fazia questão de acompanhar o amigo.

- Ispia Galego, apôï Sabida ta cá língua pindurada na titela de tanto corrê, vige, é ligêra demai, vote!!

Ciço buscava qualquer motivo para se desviar da tensão que lhe incomodava desde que amanhecera, talvez pela falta de resposta do ato da noite passada.

E foram caminhando, agora em quatro.

Ao chegarem à cacimba, ocuparam as mãos e retiraram, de cima da carroça, latas para transportarem água doce, da cacimba para o tonel em posição horizontal, com um funil em cima e um furo na parte de trás.

O menino e a cadela se aquietaram perto de uns pés de cana, lugarzinho fresco, Sabida deitou-se e Pitôco (apelido de Orlando) ficou cavando a terra com as mãozinhas, imaginando ser ali um açude aproveitando a água que minava do chão, nem prestava atenção na conversa dos adultos.

- Ciço, ta todo mundo falano das frôr qui tu deu pra Luzia!

- Povo fuxiquêro da gota!

- E tão dizeno qui Zé Vando num vai dá ela pra tu casá não!

Ciço se espantou e inquietou-se. Havia um temor e uma incerteza pela pressa cometida na noite daquele dia da Padroeira, naquela entrega das flores, na presença de todo mundo, a dúvida se aquele era o momento certo, mas não havia arrependimento.

- E é?

- É.

Agora só se ouvia o arfar de Sabida, e o ‘timbugar’ das latas d’ água na cacimba e o derramar dentro do tonel.

- Ô Ciço, tu gosta mermo de Luzia?

- Deixe de falar brebôte homi!

- Oxe Ciço, arresponda!

- Tu carece de ficá me inticano não Galego, tu num sabe de minhas paixão, tu num sabe qui toda veiz qui meus zói avista ela fico iguazin uma briba, somente ispiano cá cabeça balaçano, isperano um tiquin da tenção dela...

- Eita gota Ciço!!!

- Meu zoi inté parece uma parêia de caga-fogo numa noite feita de breu, meu coração insaia uma bilôra, e minha boca fica açucarada qui nem boca de minino cheia de confeito, é uma agonia da gota, már é bom!

- Ô Ciço, e ela gosta de tu?

- Oxente, pergunta mais besta Gardino! E tu acha qui não? Tome tenença homi, é craro qui ela se inrabicha pureu!!!

- E tu vai casá cum ela? Vai sê cuma?

- Cuma de deve sê Gardino, e encha logo o toné sinão num li chamo pá sê o padin.

Sabida de súbito levantou e latiu forte, de repente saiu em disparada em direção ao mato fechado, destruindo o açude feito com as mãos de Pitôco. O menino ficou enfurecido:

- Cachorra das mulesta!!!



Glossário

- Muganga:** Careta
Titela: Peito
Timbugar: Mergulhar
Brebôte: Besteira
Inticano: Provocar
Briba: lagartixa de parede
Caga-fogo: Vaga-lume
Bilôra: desmaio
Confeito: bala, doces.
Tenença: Preste atenção
Inrabicha: Enamora
Toné: Tonel.
Pá sê o padin: Para ser o padrinho
Uma Pareia: Um Par
Pureu: Por mim

Luzia

(da vez que ela queria mais)

Não haveria forma de ter dormido bem a noite anterior, o silêncio do pai, as perguntas caladas da mãe, as flores dentro de um jarro na cabeceira da cama, o cheiro delas, as palavras, o futuro.

Acordar era descobrir, além do dia, o que os pensamentos estariam reservando para ela, mesmo assim desafiando a agonia, levantou-se e fez seu ritual matinal, ao sentar a mesa para tomar café, somente o barulho do arrastar das chinelas de Jesuína era ouvido.

Além desse não havia mais som conhecido, nada de barulho de pintos, galinhas, patos, marrecos, porcos, gado, mãe, pai, Galdino, meninos. Nada.

Segurou a caneca ainda vazia e olhou para o fundo dela tentando ver alguma coisa, também nada se apresentava.

- Mia fia qué qui Vó Ina isquente tapioca?

Fora despertada pela gentileza e doçura de Jesuína, que ao seu lado, enchendo sua caneca com café fresco e cheiroso, aguardava uma resposta urgente.

- Quero não Vó Iná, só um tiquin de café, cadê mãe?

- Mia fia tem qui cumê, saco vazí num fica dipé!

E já voltando de perto do fogão com tapiocas apetitosas e quentinhas cheias de côco ralado por dentro, negava a falta de vontade de Luzia.

Servindo-a, sentou a sua frente.

Luzia, em silêncio, sorvia devagar cada gole demorado de café, a tapioca em cima do prato intacta achava motivo para se esfriar...

- Sua mãe saiu cum teu pai, num dixé pradonde ia não!

- Faiz tempo?

- Num sei!

Jesuína se aproximou da mesa, sentou-se quase defronte a Luzia e ficou olhando a menina:

- O qui foi Vó Ina?

- Oxe, nadinha só tô ispiano!

- Ispiano o quê Vó, num tem nada pra ispiá não!

- Vigi cuma tu ta abusada, arrespeite os mais véi, minina inxirida!

Silêncio.

Luzia subiu uma das pernas e escorou a face no joelho, sentiu Jesuína ainda olhando pra ela...

- Vó Ina viu Cição?

- Cição? Vi não, már vi os cacho de frôr in riba da pintiadêra.

- *Eita vó, caba macho! Ele deu na frenti de mãe már pai!*

Jesuína achou que naquele momento, tinha sido restabelecida a relação de confiança entre as duas, aproximou-se mais dela e quase tocando-a, começou a conversar:

- *Luzia, Ciço é um homi póbi, trabaiadô, cumpridô dos selviço, num é homi preguiçoso e nem gosta de lorota.*

- *Hum!*

- *Nóis sabe qui Ciço num é homi de vivê nos cabaré, nos rói-côro. Qui é homi respeitadô. Ciço é um homi sozin qui cuida da tia e da cachorra e se tu casá cum ele, tu tômem vai cuidar da tia e da cachorra dele...*

- *Hum!*

- *Mia fia, Ciço é uma rapaiz qui trabaia de só a só, teu pai num ai de tê queixa dele não, antão mia fia, me diga, tu qué ele pra tu?*

- *Vigiiii, Vó Ina, eu quero.*

- *E cuma é isso?*

- *Quano ele ta longe d'eu, eu num ligo se tô de fuá, fico sem pantin, num me apresso pra fazer os mandado de mãe nem as coisas da casa, é cuma se fosse pra Monteiro de a pés, as coisas nas rodage passano tudin bem devagazin qui é pra mode espiá mió...*

- *Oxe e tu qué ele só purisso?*

- Nan Vó Ina, só tava dizeno qui toda veiz qui ele chega perto d'eu meu peito fica bem acochadin, qui quano só de imaginá ele, meu juízo fica lezin e meu riso fica frôxo qui num tem ri-ri qui segure...

- E tu vai guentá a vida qui ele vai dá pra tu ?

- Vou mermo! Vamo ser filiz e ter um monte de fiin e fazê nossa vidinha bem filiz... Vó, será qui pai deixa?

- Num sei, már se ele gostá de tu do tanto qui tu gosta dele, acho quêle deixa, tu agora ta pensano nele né?

Luzia riu.

- Vó, eu penso nele inté quano ele tá do lado deu.



Glossário

Homi póbi, trabaiaodô: Homem pobre, trabalhador

Lorota: Mentira, conversa fiada

Cabaré, rói-côro: Prostíbulo

Fuá: Cabelo assanhado

Pantin: Frescura

purisso: Por isso

Acochadin: Acochadinho, arrochado, apertado

Lezin: Bobo

Ri-ri: Zíper

Fiin: Filhinhos

Tiquin: Tiquinho, pouquinho

Dipé: De pé, em pé

In riba da pintiadêra: Em cima da penteadeira

Inxirida: Enxerida, intrometida

O Feixe de Agave

(da vez que teve uma conversa)

O agave era uma das fontes de renda da Fazenda Macaxeira. Ciço era também ali um exímio trabalhador, conhecedor de tudo do agave acompanhava desde o plantio até a colheita, cerca de três anos após.

Ciço era o cortador, o enfeixador, o cambiteiro, o puxador, o fibreiro, o bagaceiro e fazia até a lavagem das fibras, quando havia tempo.

Nesse tempo de colheita e de desfribamento, Zé Vando contratava mais dois ou três homens da região para auxiliar Ciço no serviço e admirava o quanto seu morador desafiava a preguiça, mesmo estando com até três ajudantes, ele praticamente fazia o serviço sozinho e bem feito.

'caba bom da gota!'

A forma como Ciço se comportava profissionalmente era motivo de orgulho para Zé Vando, principalmente quando em tempos passados, a fazenda foi posta à venda por causas de dívidas com bancos e Zé Vando não conseguia pagar o salário de Ciço...

- Ciço óie, nós tamo passano uma dificuldade da mulesta! Pidimo uns dinhêro pros banco e se apertêmo e num vai dá pra li pagá não, antão você ta livre feito passarín pra percurá ôto canto pra trabaiá...

Ciço ouviu com atenção, levantou-se, foi até o pote e pegou uma caneca com água, tomou um gole e ofereceu ao patrão, Zé Vando recebeu a caneca e tomou outro gole, Ciço falou:

- Seu Zé, quem ajuntô nós foi Deus e o Padin Ciço Rumão Batista, o sinhô é um patrão muito bom, num se impórta de bebê meu subejo. Apôfi fique sabeno qui nunca fiz trato cum dinhêro pra mode de taquí. É do meu querê só saí de sua fazenda pra cova qui me espera, antão, vamo trabaiár, se peorcupe não, inquanto tivé preá, nhambu, rolinha e uma cacimba cum tiquin d'água, eu num morro nem de fome e nem de sede e tõem num morro de queda de rede! Már eu saino daqui Seu Zé, minha premeira morte é de sódade.

Esse foi o ato de maior cumplicidade e fidelidade que Zé Vando viu em uma pessoa e juntos venceram as contas e a crise naquela seca conhecida e vez por outra, traiçoeira.

Ao ver Ciço ao lado do grupinho separando as fibras, aquela cena de dedicação voltou-lhe a mente...

'Eita bixiga, e agora? Agora qui ele pode tomá conta de meu maió tesôro, da coisa mai impôtante da minha vida, do meu só, da mia fia... será qui ele vai querê mermo? Cuma eu devo falá cum ele? E se fô mintira e ele se zangá? E se fô avexame meu e ele capá o gato e se ele se arretá? Eita gota!

A dúvida fazia Zé Vando coçar o queixo.

'E se fô védade?'

Agora ele sentia uma agonia maior.

Aproximou-se de Ciço, que agachado catava as folhas de agave para colocar na máquina, alheio ao pensamento do patrão e concentrado no trabalho, Zé Vando viu uma folha separada e ao pegá-la, percebeu que estava escrito a faca, a letra **L**.

Não teve mais dúvidas.

- *Ciço?*

- *Sinhô!*

- *As nutiças se espaiam ligero...*

- *Nutiça de quê patrão?*

- *Nutiças das frôr.*

Ciço parou um pouco, levantou-se, desligou a máquina, enxugou o suor da testa, tirou o chapéu de couro, segurou-o com as duas mãos e se aproximou de Zé Vando, sempre olhando nos olhos.

Quem tava perto também parou de trabalhar e prestou atenção na conversa.

- *Nutiça das frôr qui eu dei pra Luzia, Seu Zé?*

- *Nutiça daquelas frôr, seu Ciço. Apô eu quiria era sabê o qui danado tu qué cum mia fia, pra dá um cacho*

de rosa a ela na festa da padroera, no mei de tanta gente, o falatório ta inté na Prata e ói, Rolinha Maquiada já ispaiou pro Cariri e pro Pajeú todin...

Ciço não se mexeu.

- Ela dixé o tanto qui gosto de Luzia? Se dixé é mintira!

- Cuma é?

Espantou-se Zé Vando.

- É seu Zé.

Confirmou Ciço.

- Num ai no mundo criatura qui conheça o tamanho do amô qui sinto pro Luzia. Os dizê qui os povo diz qui eu tem, num nem um tiquin do qui eu tem puréla seu Zé ...

Zé Vando viu verdade no brilho dos olhos do empregado, viu felicidade na lágrima que ameaçava descer, sentiu a força de cada palavra...

- Homi, isso tudim é de vera?

- Oxi, seu Zé, e eu sô homi de brincá cás coisas do coração. Cás fia dos zôto? Se eu fosse um homi qui subesse das letra, num tinha casca de melancia qui num tivesse riscado o nome dela, nem pé de imbuzeiro qui num tivesse escrivido meu nome e o nome dela, dento dum coração cuma frecha de São Sebastião infiada no mei. Se eu subesse iscrever Seu Zé, in todo pedaço de papé tinha um tantin assim de tinta do meu zamor, tinha in cada fôia

de cada cadelno qui minino leva pra escola, um velso in riba do mote: Luzia, uma tuia de vida qui nasceu no meu jardin!

Zé Vando ouvia incrédulo e verdadeiramente emocionado, estirou a mão pro funcionário, mas antes que chegasse o aperto de mão de Ciço, ele ainda ouviu...

- Seu Zé, no mêi desse só condenado qui muda de cô os mato da terra da gente, no mêi desses feixes de agave qui vão fazer as bassôra e os tapetes pra nós alimpá as casa da gente e tendo esses trabaiadôr cuma tistimunha, eu peço a mão de sua fia in namoro, e adispôs pro casamento cá graça de Deus, de Santa Luzia, de Dona das Dô e de Padin Ciço...

O aperto de mão enfim se fizera. Um apertar cheio de verdade e de hombridade. Um apertar arrochado e da boca de Zé Vando saíram as palavras de alegria e contentamento.

- Se ela quisé, é do meu agrado esse namoro Ciço.



Glossário

Enfeixador: Pessoa que amarra as folhas de sisal em forma de feixes que serão transportados até a máquina desfibradora;

Cambiteiro: Pessoa que recolhe os feixes e os transporta até a máquina.

Fibreiro: Pessoa responsável pelo abastecimento da máquina com as folhas

Bagaceiro: Pessoa que retira da parte inferior da máquina os resíduos sólidos do desfibramento

Dificuldade: Dificuldade

Apertêmo: Apertemos

Subejo: Sobejo, sobra, restos

Preá: mamífero roedor

Nhambu: Inhambu, ave sem cauda

Arretar: Ficar com raiva

Espaia: Espalha

Pajeú: Microrregião do estado de Pernambuco

De vera: De verdade

Cás fia dos zôto: Com a filha dos outros

Velso: Verso

Bassoras: Vassouras

A Festa no Grupinho

(da vez que estavam todos juntos)

Até o final da cerimônia de casamento de Ciço e de Luzia, os dias praticamente triplicaram suas horas para o casal, mas para os pais dela, aconteceram em segundos. Foram dias de correria, de contatos e contratações, de limpeza, de provas e de *faniquitos* que valeram à pena.

Desde o altar da Igreja de Nossa Senhora das Dores, onde foi Luzia a noiva mais bonita a pisar ali até então, até a Fazenda Macaxeira, nas instalações do grupinho, onde estava acontecendo à recepção aos convidados. Muita gente, muita alegria, muita descontração, emoção e fofoca.

- Oie, meu povo, todo mundo fique a vontade qui a festa é de póbi mais a alegria é de rico.

Bradava satisfeito Zé Vando para seus convidados e fazendo questão de ir à mesa de cada um deles. As mesas foram postas do lado de fora do grupinho e de vez em quando a poeira da rodagem banhava alguns convidados.

E veio gente de tudo quanto é lugar:

Marco di Aurélio e Roseli sua esposa, seus cordéis e sua Kombi branca chegaram desde a noite anterior, trouxeram de Campina Grande Gisele e François,

Eugênio, Juliana e o menino Miguel, junto a eles, na mesma mesa, Dona Ilma, Silvinha e Sheila conversavam animadamente ouvindo Eudimar ecoar sua voz, entoando cantigas que falam de amor, escritas por Ilmar Cavalcante e Nanado Alves.

João Badalo, tomando uma lapada de cana, sentava-se a mesa de Agamenon, de Galdino (e família) do poeta Felisardo Moura, de Zelito Nunes e Carlinhos da Prata.

Dejinha de Monteiro, com meio copo de ponche de caju, comentou:

- *O Cantor tem um gogó da gota! E cás musgas quêsse maguin faiz, pense num dismantelo!*

- Tômem, cum Craudin no fole, num tem cantiga que se peica.

Acrescentou Agamenon.

- *Vigi será qui ganhei ôto patrão?*

Indagava Galdino.

- *Ei minino, tira a mão daí, oxe, minino so bebe ponche, arretire as mão das carnes!*

Reclamava o mesmo Galdino, com seus filhos, os três.

Na mesa vizinha, Paulo Cabeção, Fred Menezes, Geodie Filho, Marcel, Andrelly, João Marcel e Dona Irece

se divertiam com as alegrias dos anfitriões e reconheciam voz e letras da música que Eudimar cantava.

Em uma mesa mais afastada da estrada, onde ficava a máquina de agave, Risaura (prima de Luzia), Deolinda, Luzinete e Margarida:

- *Vigi esse marido de Luzia é um pão!*

Exclamou Risaura, lamentando a falta de atenção que ele um dia dispensou a ela.

- *Homi bunito, trabaiadô e apaixonado ta difíce hoje in dia.*

Concluiu Margarida.

Deolinda, junto a Dona Judith, não tinha tempo de fazer comentário nenhum, mas havia espaços de sobra para admirar a felicidade da sobrinha, e comentou rapidamente com a irmã:

- *Judith, quando ela foi lá pra casa e trouxe aquelas conchinhas pra cá, de verdade veio entregar o amor dela pra ele, com as benções de Iemanjá!*

- *E foi? Ô Vó Ina, se sente mulé...*

Ouviu e se dispersou rapidamente Dona Judith.

Zé Vando acompanhava seu genro pelas mesas até parar naquela que talvez tivesse mais emoção, era a mesa dos irmãos de Ciço, os cunhados de Luzia.

- *Seu Zé, essé Bastião meu irmão qui trabaia no Maranhão, ele vive cuieno arroiz...*

Zé Vando estendeu a mão e um sorriso

- *Seje bem vindo à mia famia.*

- *Oxe, o prazer é meu.*

Levantou-se Bastião e além de apertar a mão do sogro do irmão, abraçou-o de uma forma tão forte que quase Zé Vando é espremido vivo...

- *Oxe, côidado cum homi, Bastião.*

Era Rufino, outro irmão de Ciço.

- *Esse seu Zé, é Rufino, meu irmão qui trabaia in Tuparetema, cá mermo no Pajeú.*

Dessa vez, Zé Vando somente acenou de longe, temendo novo abraço.

- *E esse é Polinaro, e aquele cochichano colá cum Tiana, é Betin.*

- *Apôï tudin se faça de casa.*

Disse em tom alto, Zé Vando.

Numa mesa próxima, ainda vestida de noiva, Luzia ria com as conversas e ensinamentos de mulheres mais experientes no assunto 'vida a dois'. Sentada a mesa, o vestido já se 'amarrozando' devido à poeira da estrada, Luzia ouvia conselhos de Guiomar, vizinha da sua avó

materna; de Dona Sebastiana, de Guadalupe (prima de Margarida) e de Divanira, amiga de Monteiro.

- Antão quano ele assoprá o candeeiro, óie, ele qui tem qui apagá o candeeiro senão vai achá qui tu é inxirida, ai tu descobre as partes e fica bem caladinha...

Ensinava Guiomar.

- E é?

Interessava-se Luzia.

- É.

Confirmava Guadalupe.

Dona Gilza, avó de Luzia, conversava com Tiana, tia de Ciço e Jesuína sobre a forma de como acontecera o romance:

- Eu dixei quem ela iscuiêsse, iscuido ficava.

Disse Jesuína.

.- Apôí num tinha noite nem de manhanzinha qui Ciço nun fizesse um agrado no nome da minina Luzia.

Contava Tiana.

- Quano minha netinha se aprochegava d'eu, eu sentia qui acolá, naquele coraçõzin pequininin, tinha um amor por arguem de tão pertin, e num era Ciço?

Confirmava Dona Gilza, bebendo de uma vez só o copo da cajuína.

Ciço agora, sem a presença do sogro, aproximava-se da mesa onde estavam Pêdo Boca de Suvéla, Tião, Kessy Jones e Lourival da Barraca. Sorrindo, Lourival cutucou:

- *Óvi dizê qui a lua di mé vai sê lá in Pilar, no sítio de Dona Irece...*

- *Oxi homi, quem bixiga já fez esse fuxico?*

Ciço espantou-se com a rapidez da notícia...

- *Ciço de Luzia? Parabens!*

Era Rolinha Maquiada!

- *Vão no Jipe de Frávo José né? Óí, disseram que Frávo num veio pruque ta na Bahia, agora arresponda, quem vai dirigino, pruquê nem tu nem Luzia sabe pilotá? Num diga qui vão prá lua de mé na veraneiz de seu Agripino? È verdade qui voeis vão morá nin Zabelê? Tu vai levá tua Tia e Dona Jesuina? Tu acha qui Luzia vai ficar buchuda quano?*

Disparou a manicure em um fôlego só. Ciço fez cara feia e sem respostas, deixou a mesa e Lourinha (Rolinha Maquiada) conversando sozinha....

Mais adiante encontrou Luzia, abraçou-a com carinho e respeito...

- *Inté parece qui tô nas nuvi Luzia, di tanta aligria e filicidade...*

- Avalie eu, Ciço! Apôï num sorte mias asas não sinão o vento me avoa...

Riram e se abraçaram mais forte, foi quando ouviram o pigarrear de Zé Vando, que disse:

- Vamo sentá naquela mesa acolá, onde ta tua sogra Ciço e traga sua muié;

Ao chegarem à mesa e sentarem-se, Dona Judith pegou nas mãos da filha, tremeu o queixo, afrouxou o lábio inferior e ensaiou um choro silencioso rapidamente acompanhado por Luzia, Zé Vando disse:

- Óie, cabei de comprá a casa de Maigarida, qui já tava quereno mermo ir morá nin Zabelê, apôï é a casa adonde voceis vão morá, qui num quero fia mia longe deu não, quano voceis vortá da casa de cumade Irece, aí já vão deréto pra casa nova, qui já vai ta toda lavadinha isperano voceis...

- Eita, gradeçemo muito seu Zé.

- É pai, carecia não.

- Carecia sim.

Interveio Dona Judith e continuou.

- A casa é grande e Ciço, meu fio, já falei cum Tiana, ela vai morá lá tômem, foi difice qui so a gota ela querê, dixe qui num ia atrapaiá o casá não, már eu dixe qui era do seu agrado ela ir morá cum voceis. Do seu agrado e de sua muié...

Logo depois, Cição acompanhou Luzia até a casa dos pais dela, onde ela trocou o vestido de noiva por uma ‘roupa normal’ e ao voltarem, chegando à calçada, Cição apontou:

- *Pia Luzia, quem ta acolá?*

- *hen hen!!!*

Era Sabida, com seus filhotes. Ela na frente, eles arrodando-a, vieram participar da felicidade dos amigos.

Cição se aproximou, abaixou-se e acariciou a cabeça de Sabida, os filhotes se aproximaram latindo e grunhindo, Luzia ficou olhando e ouvindo Cição falar:

- *Nós vamo tê uma casa mais grande, agora cuide de num tê mai cachorrin não viu?*

Luzia riu e falou pra cadela:

- *Agora Sabida, quem vai tê os fiotin é nós!*

E voltaram pra festa. Atrás deles, Sabida e os cachorrinhos, agora sentindo o cheiro das carnes ofertadas e abandonadas no chão perto do Grupinho.

A noite consumia o Cariri, e os ventos levavam a felicidade do casal, as vozes de Xangai e Bia Marinho e a letra de Xico Bizerra...

*“Eu sou Cição do sertão
fĩ de Santana e Romão
sou vaqueiro em Zabelê
Me endoidici por Luzia*

*Ai meu Deus, vige Maria
Sem ela num sei vivê.
Eu sou Luzia, sou luz
Vige Maria, ai Jesus
Ciço vêi me endoidecê
Penso nele toda hora
Choro s'ele vai simbora
Sem ele num sei vivê “*

O jipe cortava a estrada, os faróis iluminando um amor e um começo de vida, do jeitinho que Ciço pediu a Padim Ciço, a sombra de um pé de aveloz se amarelando e aguado com a água que caiu dos olhos seus.

- Trecho de ***O Romance de Ciço e Luzia***, composição de Xico Bizerra.

O Compositor autorizou o uso do trecho de sua canção.



Glossário

Póbi: Pobre.
Gogó: Garganta
Maguin: Magrinho,
Cuieno: Colhendo
Côidado: Cuidado
Polinaro: Apolinário
Buchuda: Grávida
Aprochegava: Chegava-se

*“Agora qu’êlé tá junto d’eu, cada tiquin de
puêra qui si ingaia nas fôia dos juazêro,
vira um abôî de aligria nessa vida tão Cariri.”*

(Luzia, de Ciço)

SOBRE O AUTOR

efigenio65@hotmail.com



Natural de Monteiro-PB, Efigênio Moura é autor de Eita Gota! (uma viagem paraibana), livro em fase de terceira edição com pouco mais de 1 ano de publicado. Efigênio é radialista e profissional de Marketing.

Neto do poeta e radialista alagoano Efigenio Teixeira de Moura, herdou do avô a força das frases feitas em momentos de observação e descontração. A verve que o acompanha desde cedo tem DNA incrustado entre Pindoba, Palmeira dos Índios e Viçosa em Alagoas e concebido em Monteiro, interior da Paraíba, na terra onde a cultura e o amor ao chão do Cariri se solta feito chuva, pelos poros de quem nasceu por lá. Filho de alagoano de Pindoba e pernambucana de Lajedo, Efigenio Moura apresenta agora seu segundo trabalho literário, *Çiço de Luzia*, ‘arrodeado ‘ das melhores lembranças e pessoas que se multiplica no Cariri paraibano.

LIVROS EDUEPB E LATUS

1. **Pluralismo Jurídico: Para além da visão monista** – Raíssa de Lima e Melo
2. **Mulher, corpo e cuidado** – Maria de F. de A. Silveira; e Dulce M. Rosa Gualda
3. **Avaliação de serviços: um olhar na qualidade da gestão** – (Orgs) Maria José Cariri Benígna; e Maria A. Amado Rivera
4. **Farmacêutico na Farmácia** – Rosimary S. Cunha Lima; Maria do Carmo Eutálio; e Magnólia de L. S. Targino
5. **Representações sociais e saúde** – Aliana Fenandes; Maria. do R de Carvalho; e Moisés Domingos Sobrinho
6. **EPI Info para iniciantes** – (Orgs) Sonia Maria de L. Maciel; e Pedro Henrique de A. e S. Leite
7. **Ensino de língua: do impresso ao virtual** – (Orgs) Antonio de Pádua Dias da Silva; Maria de L. L. Almeida; Simone Dália de Gusmão Aranha; e Tereza. N. de Farias Campina
8. **A história da mídia regional** – C. B de Souza; F. G. de Oliveira; e Gorete M. Sampaio de Freitas
9. **Livro de resumo de monografias** – Maria Dora Ruiz Temoche
10. **Planejamento tributário no campo de incidência do ICMS** – Alexandre H. S. Ferreira; e Ana Maria da P. Duarte
11. **1930 – A Revolução que mudou a História do Brasil** – (Orgs) João M. L. Santos; Cláudio José L. Rodrigues; Inês Caminha L. Rodrigues; e José Octávio de A. Melo
12. **Curso de Direito Constitucional** – Lorivaldo da Conceição
13. **Fragmentos** – Juarez Filgueras de Góis
14. **Gênero em questão** – (Org) Antonio de Pádua Dias da Silva
15. **Jogos eletrônicos** – Eliane de M. Silva; Filomena M. G. da S. C Moita; e Robson Pequeno de Souza
16. **Nascido do Fogo, Filho da Paz** – Ket Jeffson Vasconcelos Leitão
17. **Política Tributária e Justiça Social** – Alexandre Henrique Salema Ferreira
18. **Revista Sócio-Poética** – Departamento de Letras da UEPB
19. **O Sábio e a Floresta** – Moacir Werneck de Castro
20. **Universidade e o fazer poético em prosa e poesia** – (Orgs) Fabíola Nóbrega; Marcelle V. Carvalho; e Tatiana Fernandes Sant’ana
21. **Sustentabilidade – um enfoque sistêmico** – (Orgs) Waleska S. Lira; Helio de L. Lira; Maria José dos Santos; e Lincon Eloy de Araújo
22. **Bioquímica clínica – uma abordagem geral** – Sandra Reis Farias
23. **Mortalidade Geral – Epidemiologia** – Anthonyanny A. Silva Lima; Maria J. Cariri Benigna
24. **Estudos Filológicos: Literatura – Cultura** – Marinalva Freire da Silva
25. **Dicionário de termos relativos a gestão de pessoas** – Maria Dora Ruiz Temoche
26. **Práticas de Políticas Públicas** – (Orgs) Marcelo A. Pereira; Maria da G. A. Pereira; Sandra. M. A de S. Celestino; Sueli Ramos de R. M. Cavalcanti; e William A. de Lacerda
27. **Saúde Humana** – (Org) Inácia Sátiro Xavier de França
28. **O Segredo de Pergamo** – Ket Jeffson Vasconcelos Leitão
29. **A queda do meteorito** – Giusone Ferreira Rodrigues

- 30. Trajetória empreendedora: estudo de casos numa realidade local e global** – (Org) Vera Lúcia Barreto Motta
- 31. Identidades de gênero e práticas discursivas** – (Org) Antonio de Pádua Dias da Silva
- 32. O lugar da Educação Física** – Maria José de Figueirêdo Gomes
- 33. O papel político dos fóruns de educação de jovens e adultos** – Eduardo Jorge Lopes da Silva
- 34. Pesquisa histórica – resumo de monografias** – (Orgs) Luíra Freire Monteiro; e Flávio Carreiro de Santana
- 35. Anos de luta** – Waldir Porfírio
- 36. Mulher e violência: histórias do corpo negado** – Lígia Pereira dos Santos
- 37. Agricultura orgânica** – José Geraldo R. dos Santos; e Emmanuely Calina X. R. Santos
- 38. Sobre o diálogo: introdução a uma leitura filosófica de** – Julio Cesar Kesting
- 39. Novos cenários da Administração** – (Org) maria Dora Ruiz Temoche
- 40. O despertar da cultura** – (Org) Marinalva Freire da Silva
- 41. Manual básico de Radiologia Odontológica** – Maria de Fátima Cavalcanti Rodrigues
- 42. Formas de sociabilidade e instauração da alteridade** – Inácia S. Xavier de França; Lorita M. Freitag Paghuca
- 43. Paremiologia nordestina** – Fontes Ibiapina
- 44. Resistência indígena no Piauí colonial 1718 – 1774** – João Renor F. de Carvalho
- 45. Planejando o (des)envolvimento local** – Roberto Alves de Araújo; e Ana Siqueira de Araújo
- 46. Deuses em poéticas: estudos de Literatura e Teologia** – (Orgs) Salma Farraz; Antonio Magalhães; Eli Brandão; Waldecy Tenório; Douglas Conceição
- 47. Campina Grande em debate** – (Org) Roberto Vêras de Oliveira
- 48. História do Direito e da violência: recortes de uma abordagem interdisciplinar** – Marcelo Alves Pereira Eufrásio
- 49. Contos jurídicos: normas de sobredireito da Lei de Introdução ao Código Civil** – Ket Jeffson Vasconcelos Leitão
- 50. A Bacia do Rio Gramame: Biodiversidade, uso e conservação** – (Orgs) José Etam de Lucena Barbosa; e Takako Watanabe; e R. José da Paz
- 51. Ser criança – repensando o lugar da criança na educação infantil** – (Orgs) Glória M. de Souza Melo; Soraya. M. de A. Brandão; e Marinalva. da Silva Mota
- 52. Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia** – (Org) Renato Dagnino
- 53. De portas abertas para o lazer** – (Orgs) Elaine Melo de B. Costa Lemos; Eduardo Ribeiro Dantas; e Cheng Hzin Nery Chão
- 54. Gênero e práticas culturais** – (Orgs) Charliton J. dos Santos Machado; Idalina M. F. Lima Santiago; e Maria L. da Silva Nunes
- 55. Da resistência ao poder – o (P)MDB na Paraíba (1965 / 1999)** – José Otávio de Arruda Mello
- 56. Políticas públicas e desenvolvimento regional** – (Orgs) Carlos. A. Máximo Pimenta; Cecília Pescatore Alves
- 57. Histórias vividas e contadas no Bar do Brito** – (Orgs) A. C. Barbosa de Souza; Antonio Guedes Rangel Junior; Clara M. Araújo Pinto; e Sonia Maria A. de Oliveira Brito
- 58. De memória e de identidade** – (Orgs) Antonia M. M. da Silva; Francisco Paulo da Silva; Ivanaldo Oliveira dos Santos; e Maria Edileuza da Costa

- 59. A luz que não se apaga** – Rômulo de Araújo Lima
- 60. Cálculo avançado** – (Orgs) Aldo Trajano Louredo; e Alexandre M. de Oliveira; e Osmundo Alves Lima
- 61. Fisioterapia na gravidez** – (Org) Maria do Socorro B. e Silva
- 62. Educação Universitária** – Pedro Bergamo
- 63. Amora** – Fidélia Cassandra
- 64. Educação em questão – recortando temas e tecendo ideias** – (Pedro Lúcio Barbosa)
- 65. Ciço de Luzia** – Efigênio Moura
- 66. Zila Mamede – trajetórias literárias e educativas** – Charliton José dos Santos Machado
- 67. A voz da infância e outras vozes** – Calos Azevedo
- 68. A Educação da Mulher em Lima Barreto** – (Jomar Ricardo da Silva)
- 69. Porta aberta à poesia popular** – Almira Araújo Cruz Soares
- 70. Mulheres representadas na literatura de autoria feminina** – Antonio de Pádua Dias da Silva
- 71. Residências terapêuticas** – (Orgs) Maria de Fátima de A. Silveira e Hudson Pires de O. Santos Júnior
- 72. A nuvem de hoje** – Bráulio Taveres
- 73. Tecnologias digitais na educação** – (Orgs) Robson Pequeno de Sousa; Filomena M. C. da S. C. Moita; e Ana Beatriz Gomes Carvalho.
- 74. A representação da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros** – José Itamar Sales da Silva
- 75. Viagem aos 80 anos da Revolta de Princesa** – Janduí Dantas
- 76. Cidadania glocal, identidade nordestina** – José Marques de Melo
- 77. Uma nova ciência para um novo senso comum** – Marcelo Germano Gomes
- 78. A feira – o trovador encantado** – Maria de Lourdes Nunes Ramalho
- 79. Nordeste como inventiva simbólica** – Geralda Medeiros Nóbrega
- 80. Era uma vez diferente** – Aline Pereira
- 81. Coleccionismo, práticas de campo e representações** – Maria Margaret Lopes e Alda Heizer.

Sobre o livro

Este livro foi impresso na Gráfica Universitária da UEPB.

Formato: 14 x 20 cm.

Tipologias utilizadas: Cambria 11,5pt e Rockwell 20/14pt

Papel: Apergaminhado 75g/m² (miolo)
e Cartão Supremo 250g/m² (capa).